

Passe livre, de Marina Tsvetáieva

Free pass, by Marina Tsvetaeva

André Nogueira¹

Resumo: Tradução de *Passe livre* [Вольный проезд], de Marina Tsvetáieva, do russo acompanhada de apresentação e notas. Com base em seus diários de setembro de 1918, Tsvetáieva narra em *Passe livre* sua viagem à província de Tambóv em busca de conseguir alimento trocando bens com os camponeses locais, sua estadia no ponto de requisição e convivência com fiscais e soldados do destacamento alimentar, os abusos de que eram vítimas os camponeses, a desconfiança deles para com a gente da cidade e revolta contra as ações do Exército no confisco de seus bens. Tsvetáieva testemunhou o comércio ilegal no meio de trabalhadores rurais e dos caixeiros-viajantes, que faziam a ponte entre campo e cidade, o caos das multidões e mercadorias nas linhas de trem, e sobretudo a ilegalidade e corrupção dentro da própria estrutura estatal-militar responsável por organizar a recolha e distribuição de alimentos no tempo da fome durante a Guerra Civil. Experimentou humilhações, mas também paixões, nesta sua aventura na província, de que deixou um vivo relato, único na literatura russa do período, aqui pela primeira vez apresentado em português.

Palavras-chave: Marina Tsvetáieva; Diários; Revolução Russa; Questão camponesa; Tambov.

Abstract: Translation of *Free Pass* [Вольный проезд], by Marina Tsvetaeva, accompanied by presentation and notes. Based on her September 1918 diaries, Tsvetaeva narrates in *Free Pass* her trip to the province of Tambov aiming to obtain food by exchanging goods with the local peasants, her stay at the requisition point and living with inspectors and soldiers of the army's food units, the abuses the peasants were victims of, their distrust of urban people and revolt against the army's confiscation of their property. Tsvetaeva witnessed the illegal trade among rural workers and traveling salesmen who bridged the gap between countryside and the city, the chaos of the crowds and goods on the train lines, and above all the illegality and corruption within the state-military structure responsible for organizing the collection and distribution of food during the Civil War famine. She experienced humiliations, but also passions in her adventure in the province, of which she left a lively account, unique in Russian literature of the period, here presented for the first time in Portuguese.

Keywords: Marina Tsvetaeva; Diary; Russian revolution; Peasant issue; Tambov.

¹ André Bacciotti Nogueira, formado bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas e mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: andresala40@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-2105-1216>

1. Apresentação

1.1 Marina Tsvetáieva: uma mestra da prosa. (*Os diários da Revolução*).

Embora haja muito o que traduzir, até que nos seja conhecida sua real envergadura, Marina Tsvetáieva já se tornou, para nós, uma poeta de muitas dimensões. As primeiras traduções de seus versos no Brasil apareceram nos anos 60, o trabalho primoroso de Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman (1968). Logo vieram outras, como as de Aurora F. Bernardini e as de Décio Pignatari. A prosa de Tsvetáieva precisou esperar mais tempo: publicou-se em 2008 o primeiro livro dedicado a ela, a substancial coletânea, de cartas e seus diários íntimos, *Vivendo sob o fogo*, organizada por Tsvetán Todorov e traduzida por Bernardini; e a mesma tradutora nos trouxe, mais recentemente, os primeiros artigos teóricos de Tsvetáieva em tradução para o português, *O poeta e o tempo* (2017). E o trabalho segue: há as importantes contribuições de Paula Vaz de Almeida, na tradução de *Meu Púchkin* (2008), e de Cecília Rosas, das cartas trocadas entre Tsvetáieva e Boris Pasternak (2018). E há por traduzir ainda todo um oceano, de vagalhões revoltos, cuja profundidade é insondável, por enquanto, para o leitor e a leitora de língua portuguesa. Há de se sondar, de se conhecer o que fez Tsvetáieva, nesta arte de que a literatura russa teve tantos mestres, a ponto de podermos também chamá-la: uma mestra da prosa.

A prosa de Marina Tsvetáieva (1892-1941) abarca vários gêneros, de memórias a diários e epistolários, mas a todos eles, até mesmo aos escritos de caráter teórico, é comum um forte traço confessional, por assim dizer “íntimo”, peculiar de sua personalidade poética. Em todo o volume de sua prosa, tão imenso quanto de sua obra em verso, não se encontra espaço para a narrativa ficcional, tal como entendida nos gêneros romance ou conto; ela está inteiramente voltada ao relato do vivo ou do vivido. Mas há, é claro, graus relativos de ficcionalização, ou melhor seria dizer, de literatização. Dizemos “diários íntimos”, por exemplo, sobre os que Todorov coletou para *Vivendo sob o fogo*, porque ele reuniu textos não publicados em vida da autora; ele supõe que Tsvetáieva teria feito desses textos um livro, se o destino o tivesse permitido, e que tal livro seria “a culminação de sua paixão... a realização de seus desígnios... sua obra mais acabada: esta vida-escritura — uma bio-grafia em sentido estrito — tão ambiciosa quanto sua prosa, quanto seus poemas, e ainda mais tocante do que eles” (TSVETÁIEVA, 2008, p.12). Contudo, há certo exagero nesta sua formulação, com o que pretende justificar seu empreendimento editorial; pois se Tsvetáieva teria publicado mais de sua prosa íntima, não é certo que a publicaria tal como tomada inicialmente nos diários. E temos indícios para o crer, uma vez que nestes *outros* diários, ou seja, estes escolhidos por ela para publicação e efetivamente publicados por ela em vida, nota-se uma considerável dose de

elaboração poética com este fim. Isto se pode saber pela comparação dos “Cadernos de notas” [*Zapísnie knížniki*], reunião póstuma de sua prosa não publicada, contendo todos os rascunhos e manuscritos que se preservaram dos cadernos pessoais da autora, com as versões publicadas por ela de seus diários e cuja fonte principal são esses mesmos cadernos.

Da prosa que Tsvetáieva desenvolveu na emigração, onde viveu de 1922 a 1939, em particular no tocante aos anos 30, quando se dedicou ao gênero mais sistematicamente (inclusive, nesses anos, o fluxo da criação em verso diminuiu, cedendo lugar à prosa), podemos destacar dois grupos principais, geralmente assim divididos nas edições de sua obra:² as memórias autobiográficas — *O diabo, Minha mãe e a música, A casa do Velho Pímen, O noivo*, etc. —, em sua grande maioria construídas em torno de recordações sobre o período da infância e primeira juventude, e as memórias sobre contemporâneos — *Um espírito prisioneiro, Relatos de Sónietchka, Algo vivo sobre alguém vivo, Uma noite de outro mundo*, etc. —, onde as recordações são mobilizadas como maneira de homenagear personalidades a quem a autora admirava ou com quem teve encontros e vivências para compartilhar. Aqui nos atemos só aos textos propriamente narrativos: há também os artigos, as cartas. Em alguns casos essas linhas se misturam, como em *Natália Gontcharova, Meu Púchkin e Púchkin e Pugatchióv*; outras vezes esta memória-homenagem aparece em forma de epistolário, como em *Algumas cartas para Rainer Maria Rilke*. Há, portanto, um fluxo constante de uma escrita íntima, tomada de cartas e diários, para as prosas maiores, que Tsvetáieva organizava para publicação. Mas de modo geral estes campos parecem definidos o bastante para inferirmos que Tsvetáieva os foi especializando ao longo do tempo. Antes, isto é, nos anos anteriores de sua carreira (e isto quer dizer, a primeira metade de sua vida, que Marina Tsvetáieva viveu na Rússia), suas primeiras prosas estavam mais mergulhadas nessa intimidade e inteiramente ligadas aos cadernos de notas e diários, os quais manteve desde a primeira mocidade. Daí que o ramo de sua obra que comumente se chama “Prosa de diários” [*Dnevnikovaia proza*] abrange, essencialmente, a prosa que ela escreveu de 1917 a 1920. E são precisamente estes os primeiros experimentos de Tsvetáieva com a prosa narrativa (há uma tradução que ela fez em 1916 de *La Nouvelle Espérance*, romance de Anna de Noailles). Foi sem dúvida o acontecimento da Revolução o que levou Tsvetáieva a se aprofundar na escrita da prosa, reflexo do momento histórico único, o qual ela sentiu necessidade de anotar numa linguagem apropriada, que permitisse fazer um registro vivo da experiência. É claro que o caráter de testemunho é sempre subjugado pela força plástica do texto e as observações de sua autora, como é próprio de Tsvetáieva, mas é verdadeiro que o momento despertou nela uma

² Importante lembrar que estas edições são fruto de uma organização póstuma, com base nas características dos textos, sem que esta necessariamente reflita o que Tsvetáieva desejaria ter feito.

nova consciência de historicidade. Vale dizer que até março de 1917 os acontecimentos históricos de seu tempo, até mesmo a I Guerra, quase não aparecem nos textos de Tsvetáieva. Este empurrão lhe veio através de privações difíceis, mas resultou num crescimento decisivo em termos de literatura.

A prosa, portanto, que mais tarde, nos anos de 1930, será de rememoração, surgiu no período revolucionário como escrita viva no calor dos acontecimentos, e isto significa, no caso de Tsvetáieva: escrita de diários. Algumas de suas anotações de diário tomadas nesse período Tsvetáieva organizou por títulos conforme temas do momento: *Outubro num vagão*, de outubro-novembro de 1917, narra sua separação do marido no início da Guerra Civil e a viagem da Criméia³ para a Moscou revolucionária, as conversas dos soldados a bordo do trem, etc.; em *Passe livre*, de setembro de 1918, Tsvetáieva narra sua viagem à província de Tambóv na tentativa de comprar alimento com os camponeses locais e sua estadia perigosa num posto de requisição do Exército Vermelho; em *Meus empregos*, de 1918-1919, sua malfadada tentativa de se adaptar ao trabalho de escritório no Comissariado Popular para os Assuntos das Nacionalidades; já em *Diários do sótão*⁴ Tsvetáieva escreve sobre o gélido inverno de 1919-1920, que passou com as filhas no sótão de sua residência em Moscou, cortando com o machado pedaços de móveis ou madeiras do telhado na tentativa de se aquecer e percorrendo os centros de distribuição com cartões de racionamento emprestados para conseguir alimento. Há também outros tantos relatos, reunidos em *Dos diários* e *A morte de Stakhovitch*, e ainda escritos de caráter reflexivo ou filosófico: *Do amor*, *Da gratidão*, *Da Alemanha* e *Fragmentos de “Indícios terrestres”*, todos eles constituídos de excertos dos diários tomados nos anos da Revolução. Importante dizer que Tsvetáieva apenas os publicou entre os anos de 1924-1927, isto é, precisamente ao emigrar da Rússia para a Europa; isso significa não só que estes diários receberam novas camadas de elaboração, mas também que na emigração Tsvetáieva se sentiu à vontade para carregar estas camadas de provocações impensáveis de serem publicadas na Rússia de então. Como Simon Karlinsky (1985, p. 114) observou, nenhum escritor russo que viveu e escreveu sob a Revolução foi tão abertamente contra-revolucionário como Tsvetáieva; não é preciso dizer que, com tal irreverência, ela terá sido revolucionária à sua maneira. A maioria destes textos precisou aguardar o fim da União Soviética para ser lida pelos russos; até o final dos anos 80, depois de um longo e tortuoso processo de liberação, quando começaram a sair edições mais “completas” de Tsvetáieva em seu país natal, o volume de sua prosa lá consistia quase que exclusivamente das memórias de

³ O texto se apresenta em sua grafia original pré-acordo ortográfico a pedido do autor.

⁴ Nossa tradução de *Diários do sótão* pode ser lida na revista *Pontes Outras*, nas publicações de 29 de outubro de 2019 (Parte 1) e 5 de novembro de 2019 (Parte 2). Cf. URLs no campo Referências.

infância e sobre contemporâneos.

1.2 Sobre “*Passe livre*”

Publicado pela primeira vez na *Sovremennie Sapiski* (Escritos contemporâneos) n. 21, revista dos emigrados russos em Paris, no ano de 1924, *Passe livre* consiste em anotações de diário tomadas em setembro de 1918, as quais Tsvetáieva selecionou e combinou, com adição de novas camadas textuais que dão corpo narrativo ao conjunto. O que temos nos *Cadernos de notas*, ou seja, a versão não publicada do diário, é algo mais reduzido e fragmentário.

“Passe livre” é tradução de Вольный проезд [*Volniy proezd*]; assim se chamava, naquele tempo do comunismo de guerra, a licença, concedida pelo Estado, para transporte de determinada quantidade de mercadoria. Tsvetáieva conseguiu este passe com uma autorização para viajar à província de Tambóv sob o pretexto de “estudar bordados artesanais”. Mas sua intenção com a viagem era inteiramente outra: barganhar alimento em troca de bens com os camponeses locais. Ela se valeu de conhecidos que prometeram boas oportunidades de conseguir comida na região, e com eles se hospedou na casa de bolcheviques responsáveis pela requisição, isto é, os confiscos da produção agrícola realizados por destacamentos do Exército Vermelho nas aldeias. Inteirou-se de como os camponeses eram saqueados por uma elite do Partido que operava no ponto de requisição uma espécie de mercado clandestino. Tsvetáieva narra suas negociações frustradas com a gente do campo, seu ódio pelos fiscais corruptos da requisição, o terror das buscas operadas pelos soldados, a hipocrisia dos que lucravam com a fome alheia, as injustiças a que era submetido o povo simples. E o ambíguo de estar ali, tratada por todos com desprezo, trabalhando de graça para os donos da casa no serviço doméstico, e por outro lado, no fim das contas, recorrendo àquele comércio ilegal, protegida pelos mesmos soldados contra os mujiques enfurecidos. Certo que não faltaram ocasiões para a poeta desferir seu humor cortante no inimigo político: “Eu sou uma fonte inesgotável de heresias”, escreveu certa vez Tsvetáieva; e isso vale para *Passe livre*, onde ela se compraz em espetar e de todas as formas profanar o senso cívico do bolchevismo. Algumas passagens ela acrescentou ao texto unicamente para esse fim, como a rusga com Levit sobre Deus; por inverossímeis que pareçam as provocações contra o chefe da requisição, resultam no seu puro riso de zombaria. Outras vezes, no entanto, o texto é inundado de lirismo, como ao descrever a autora sua atração por um jovem soldado do Exército Vermelho com quem fez amizade no posto. Ora simplesmente registra uma frase ouvida no trem, ora as sensações, de espanto e repulsa, mas também aqui de certa atração, que a afetaram durante o trato com a gente da aldeia, etc.; assim escreve Tsvetáieva, modulando linguagens e estilo para combinar

neste relato de viagem sua experiência vivida com o complexo quadro do momento histórico.

Para se compreender este quadro é preciso ter em conta o imenso abismo social, que havia na Rússia de então, entre campo e cidade, e como estas esferas se chocaram naquele momento da Guerra Civil. O nervo da ferida era precisamente a política de requisição, por meio da qual o Estado se permitia usar a força armada contra trabalhadores rurais a fim de confiscar sua produção. Essa operação foi necessária para o abastecimento das cidades, onde já grassava a fome; mas a violência com que se a conduziu ampliou ressentimentos e gerou revolta em meio ao campesinato. Durante este período, de 1918 a 1921, proibiu-se o comércio de grãos e alimentos, que no entanto permaneceu por vias ilegais, seja de camponeses que por astúcia conseguiam ocultar as mercadorias para vendê-las à gente da cidade, ou seja porque as mercadorias confiscadas pelos destacamentos de requisição eram muitas vezes desviadas para outras formas de comércio ilegal. Esta situação se somou às tensões já existentes e que tinham raízes mais antigas na história social do campo na Rússia, onde a servidão teve um papel tão opressor e as lutas por emancipação e auto-organização do campesinato tanto modelaram sua visão de mundo, sempre incompreendida pelos habitantes citadinos. Exemplo disso vemos em *Sobre os camponeses russos*, de Maksim Górkí; ao analisar o artigo do escritor bolchevique e as palavras de escárnio empregadas por ele contra a gente do campo, Robert Linhart considera que as circunstâncias adversas apenas exacerbaram um sentimento de ódio ao camponês, não raro de se encontrar em meio à *intelligentsia* russa (e, por extensão, no quadro das direções partidárias). Diz ele:

O campo, nestes tempos de fome, toma consciência de que são as cidades que dependem dele e não o contrário... Górkí vê nisso algo de exclusivamente negativo...

Ele descreve os “tormentos” infligidos pelos camponeses aos habitantes das cidades e, particularmente, aos intelectuais, que, impelidos pela fome, vêm negociar nos vilarejos a compra de um saco de batatas: “Em sua maioria, os camponeses, que ganhavam sempre com a troca, esforçavam-se para dar (e o conseguiam) à troca o caráter humilhante de uma esmola concedida de má vontade ao ‘senhor’ arruinado pela revolução. (LINHART, 1983, p. 57)

Daí as investidas de Górkí, como de muitos intelectuais da cidade, contra a “barbárie” do mujique russo, o que continha também, repara Linhart, um elemento de desilusão, refluxo na corrente populista, que por muito tempo idealizou o campo e sua gente. Estes intelectuais, diz ele, “foram pregar o socialismo nas regiões rurais mais longínquas e, sendo mal recebidos, voltaram cheios de amargura ao mundo camponês” (LINHART, 1983, p. 59). Sem viver tais ilusões, a atitude de Tsvetáieva para com estes mujiques, e sua reação ao se deparar com essas mesmas humilhações, é inteiramente outra, mais ambivalente; de raiva, sim, ao ser tratada por eles com extrema grosseria; às vezes de admiração, por exemplo, pelas mulheres da aldeia, ao

observá-las no mercado, e até mesmo de atração física por uma delas, de quem comprou uma gargantilha de âmbar. O uso de âmbar, a propósito, na indumentária feminina daquela época, caracterizava precisamente a mulher camponesa, tanto é que as garotas da cidade, ao verem Tsvetáieva com a gargantilha na estação, gritam: “A moça pôs âmbar! Que vergonha!” E, no entanto, perante as esposas de oficiais bolcheviques, afeitas às jóias de ouro, Tsvetáieva veste seu âmbar como uma espécie de amuleto, e conclui, na sua solidão inconformada, que só com aquelas *babas* é possível algum tipo de identificação naquele lugar: “Compartilho [com elas] a mesma paixão pelo âmbar, pelas saias multicores, e como de berço uma mesma bondade”, escreve.

1.3 Revolta de Tambóv. (Algo mais sobre o contexto histórico)

Estima-se que a fome russa de 1920-1922 vitimou 5 milhões de pessoas nesse período de sua maior calamidade. O problema já apertava desde a má colheita de 1917, quando muitos camponeses lutavam na frente da I Guerra Mundial, esta que devastou grandes extensões de campos aráveis. Em março de 1918 o governo bolchevique se viu obrigado a ceder o domínio sobre os territórios da Ucrânia, o maior celeiro de grãos que abastecia o país, como condição para a saída russa da I Guerra, expressa pelo tratado de Brest-Litovski. Logo se impuseram os desastres da Guerra Civil; as tropas do Exército Branco, apoiadas por potências estrangeiras, atacavam em diferentes flancos, o que levou uma nação já extenuada pela guerra a concentrar todas as forças na expulsão do inimigo. Adicione-se a este caldeirão um levante camponês generalizado, que estourou ao mesmo tempo nas diversas províncias: a Revolta de Tambóv, que se estendeu a Pienza, Saratov e Voroniej; mais a oeste em Oriol a Rebelião de Lívni; a leste de Samara a Simbirsk a Guerra dos Tchapáns; de Ufá a Kazán a Rebelião dos Forcados; e a Rebelião da Sibéria Ocidental, que abrangia Tiumên, Tomsk, Tcheliábinsk, Ekaterinburg, Omsk, etc. Estas revoltas todas estavam relacionadas à política de requisição, que se mostrou o aspecto mais opressivo da questão agrária durante o comunismo de guerra. Como resultado, a fome se generalizou nas localidades rurais. As ações para o abastecimento foram pensadas como a urgência de se abastecer as cidades e o exército; os camponeses já eram, supunha-se, abastecidos pela terra; o alimento, de que eles eram os produtores, tinha de ser tomado para a distribuição. E no entanto a grande maioria de mortos pela fome foi de camponeses arruinados nesse processo.

Os ideólogos do bolchevismo sempre relegaram a um segundo plano o campesinato no processo revolucionário, que por suas próprias forças jamais conseguiria ele realizar uma revolução, a não ser que sob a direção do operariado urbano (TRÓTSKI, 2017, p. 77). De fato, o bolchevismo surgiu nas grandes cidades em meio a esse operariado, que organizou as greves

e conduziu esse acontecimento único na história da humanidade. E isso se deu em um país com um longo histórico de rebeliões camponesas fracassadas. Não obstante, o persistente desprezo por aquelas “massas ignorantes, oriundas dos campos, que desagregam as fileiras operárias” (TRÓTSKI, 2017, p. 64) pressupõe um conflito entre estes dois mundos, o qual esteve posto desde os primeiros dias da Revolução, e que significou na realidade não só divergências teóricas, mas violência de fato. A história possivelmente não teria se desenrolado com sucesso para os bolcheviques não fosse a ação das massas de trabalhadores rurais, que em setembro- outubro de 1917, nas mais diferentes regiões da Rússia, iniciaram um movimento geral de expropriação e repartição das terras senhoriais. Isto aconteceu então porque aproximava-se o tempo da colheita e os camponeses não podiam mais esperar as proteções da Assembléia Constituinte para decidir sobre a direção dos trabalhos nas terras cultivadas. Como Linhart observou, esse movimento espontâneo do campesinato obedecia à temporalidade dos ciclos naturais que ditavam o ritmo do trabalho agrário: “Se Outubro ocorreu em outubro”, diz ele, “foi porque os camponeses russos, passando à ação na época dos trabalhos de plantio, puseram em cheque todas as forças políticas, obrigando-as a se definir em relação à questão do poder das massas” (LINHART, 1983, p. 26-27). Como ele explica, no momento em que o Partido Socialista Revolucionário recuava em seu programa agrário ora posto — ao defender a repartição de terras, mas dentro da legalidade e sob direção do governo, que se pretendia dar indenizações aos proprietários —, Lênin e os bolcheviques, antes hesitantes em relação ao papel do campesinato na Revolução, foram os únicos que apoiaram em seus discursos a ação direta e independente executada pelo campesinato. Após Outubro, porém, com a dissolução do governo provisório e estabelecimento dos bolcheviques, a política do Partido para com os camponeses consistiu no exercício de um poder absoluto do governo sobre seu trabalho e produção. Essa reviravolta foi ocasionada pela Guerra Civil e a emergência alimentar. Uma vez que o Exército Vermelho era criado para defender a Revolução contra os Brancos, e ao passo que a economia do Estado se via colapsada, as medidas do chamado “comunismo de guerra” visavam dispor de todas as forças produtivas a serviço da guerra. Entre tais medidas a requisição de grãos se colocou como uma exigência fundamental. A requisição consistia no confisco da produção agrícola, exceto uma taxa correspondente ao consumo das famílias, para assim organizar o abastecimento das cidades e do exército famintos com o excedente de grãos e outros produtos. O método eleito para tanto foi a força armada, por meio de destacamentos do exército responsáveis por recolher a produção nas aldeias e inspecionar as propriedades. Contudo, a fome era não só um problema de distribuição, mas também de produção. Quando o recolhimento se verificou aquém do esperado, Lênin suspeitou que especuladores e *kulaks*, camponeses ricos das aldeias, estariam escondendo enormes reservas de grãos nos celeiros ou embaixo da terra, e instituiu um

imposto mais severo, a *prodrazviórstka*, a ser recolhido com base em cotas específicas. Com isso as buscas se tornaram mais violentas, recolheram-se bens que os camponeses tentavam reter para si, seja para comercializar por conta própria, ou seja porque o que lhes sobrava não era suficiente para a subsistência. O uso de pelotões armados para esse fim ocasionou abusos e engendrou a corrupção na estrutura militar. A este respeito, Orlando Figes comentou:

[...] as autoridades das províncias, relacionadas com o abastecimento, constantemente se queixavam de que as brigadas eram ‘de pobre qualidade e indisciplinadas’, realizavam ‘seu trabalho sem a menor planificação’, usavam ‘frequentemente a coação contra o campesinato’, e levavam consigo não só o grão excedente, mas quantidades vitais de sementes, e objetos privados, fuzis e vodca.

Nas palavras de um comissário da província, seu trabalho era um pouco menos que um ‘roubo organizado aos camponeses’. ‘Às vezes’, escreveu Tsiurupa, comissário do povo para as provisões, ‘as brigadas de alimentos imitam os métodos da polícia tsarista’. Acontecia de ocuparem uma aldeia e torturarem os camponeses de forma brutal até que lhes entregassem a quantidade exigida de alimentos e propriedades. ‘Essas medidas lembram a inquisição medieval’, informou um funcionário de Ieliéts; ‘obrigam os camponeses a ficar nus e se ajoelhar no chão e os flagelam ou golpeiam, às vezes até a morte’.[...] No distrito de Borissogliébski, na província de Tambóv (futuro bastião da revolta de Antónov), existiu um bárbaro dirigente de brigadas, chamado Margolin, que roubava indiscriminadamente os camponeses e violava as mulheres ou levava os cavalos dos que não podiam pagar o imposto. Outro tirano local, um chefe de brigada chamado Tcheremukhin, converteu as aldeias sulistas de Balachov, justo detrás da frente vermelha contra Denikin, em seu corrupto feudo privado. As posses dos camponeses eram requisitadas com força bruta, amiúde os deixando sem nada que comer ou trocar, e as camponesas eram violadas rotineiramente. (FIGES, 2010, p. 844-845)

As primeiras ações camponesas contra a requisição parecem ter sido espontâneas, sem uma direção determinada, conquanto a propaganda oficial as incriminasse de vandalismo ou “maligna sabotagem”. Tampouco as executavam *kulaks* e capitalistas rurais, que não tinham o mesmo domínio depois da repartição de terras levada a cabo pelos mesmos camponeses. Estes não eram “obtusos e ignorantes”, e sim bastante conscientes de sua força política no processo revolucionário e, como haviam feito com os senhores de terra pouco antes, não hesitaram em espetar comunistas nos forçados. De grande violência foram os conflitos em Tambóv, onde a pressão do Estado parece ter sido especialmente pesada. A província de Tambóv era uma das principais regiões agrícolas do país, o solo de terra negra, o mais fértil de todo o território. Nela, o campesinato esteve muito engajado no decurso dos acontecimentos revolucionários: algumas das expropriações de terra mais violentas ocorreram ali, como na fazenda do príncipe Viázemski, precisamente na aldeia de Úsman, onde esteve Tsvetáieva. Entre os anos de 1918 e 1920 houve em Tambóv centenas de ações armadas de camponeses contra os destacamentos da requisição, seus fiscais e carrascos vermelhos; organizada por meio de um sindicato rural, a União dos Camponeses Trabalhadores, formou-se uma guerrilha armada sob o comando de

Aleksandr Antónov.⁵ Mas foi depois da vitória na Guerra Civil em 1921, com os soldados liberados do *front* ingressando para a guerrilha, que tais levantes se unificaram numa rebelião permanente. Como resumiu Linhart, durante a guerra “o campesinato lutou em duas frentes: contra os Brancos para conservar a terra, contra os bolcheviques para manter o grão”.

É o perigo principal que determina a contradição principal: até 1921, o risco de uma restauração do antigo regime com o retorno dos proprietários de terra. Seja qual for, então, a violência das batalhas em torno da colheita que, em todos os anos perto da primavera, exacerba o enfrentamento sobre as questões rurais, o campesinato permanece numa posição de aliança limitada com o poder soviético. Sua participação na guerra civil é um fator importante da vitória. Mas os êxitos militares e o fim da ameaça externa em 1921 transformaram a ordem das prioridades, principalmente porque a contradição em torno da colheita é exacerbada pela fome que grassa novamente. Assiste-se então a verdadeiras sublevações da massa do campesinato, particularmente na província da Tambóv. (LINHART, 1983, p. 70-71)

De outro lado, o exército também se viu liberado para resolver à sua maneira a questão camponesa que se agravava nas mais diversas regiões do país. Esta era uma tarefa urgente na província de Tambóv, onde os rebeldes tomaram extensas áreas sob seu controle, ameaçando de fato a estabilidade do governo. Para os bolcheviques também era hora de romper alianças temporárias, com o campesinato, assim como com os anarquistas, que os ajudaram a expulsar os Brancos. Logo, quando Lênin estabeleceu uma comissão para a “liquidação do banditismo na província de Tambóv”, designou para tanto Mikhail Tukhatchévski, o mesmo comandante que acabara de esmagar os marinheiros de Kronstadt. Tukhatchévski para suprimir o levante em Tambóv usou de um enorme contingente militar e empregou meios bastante contestáveis, como armas químicas, lançadas nos bosques onde se escondiam os revoltosos, a tomada e fuzilamento de reféns civis, e a criação de campos de concentração, nos quais se internaram aldeias inteiras, com mulheres e crianças. A repressão em Tambóv levou cerca de um ano (até 24 de junho de 1922, com a morte de Aleksandr e Dmitri Antónov) e deixou uma conta de 100 mil pessoas encarceradas e 15 mil fuziladas na província.

No tempo em que Tsvetáieva esteve em Tambóv, é verdade, segundo a datação de seu relato, setembro de 1918, as revoltas apenas começavam a efervescer. Coincidiu no entanto com o auge do Terror Vermelho, em decorrência dos atentados de 30 de agosto⁶, momento especialmente perigoso para uma intelectual “burguesa” se envolver em tal aventura. Marina

⁵ Ficou também conhecida como a revolta de Antónov, porém a liderança do movimento não era exatamente centralizada. Destacaram-se também seu irmão Dmitri Antónov e Piótr Tokmakov na direção militar.

⁶ Cf. nota 40 deste documento.

Tsvetáieva registrou em *Passe livre* uma vívida impressão sobre os conflitos de classe que se desenrolavam em Tambóv naquele tempo. Ao conviver com os fiscais no ponto de requisição, observou a corrupção moral que imperava ali, se inteirou das injustiças e abusos perpetrados contra os camponeses, às custas de quem aqueles enriqueciam, num momento em que farinha valia mais do que ouro em pó. Ela soube de como roubavam deles não só os grãos e outros alimentos, mas também dinheiro, animais e todo tipo de bens. Observou o mercado ilegal em funcionamento não só no meio dos camponeses, como acusava o Estado, mas também por dentro das estruturas estatal-militares. Sentiu na pele a desconfiança e por vezes o ódio da gente do campo pela cidade e os que vinham às aldeias comercializar. Experimentou a opressão e o terror de estar num lugar onde governa a lei da metralhadora e percebeu muito bem em que direção as coisas se encaminhavam. Em resposta a isso Tsvetáieva converteu seu próprio ódio em humor, o tão peculiar humor, algo satírico e maldoso, de seus diários. Não por acaso a força deste relato está em não ser um livro de denúncia propriamente dito, mas um diário pessoal da autora, único lugar onde ela pôde expressar seu real pensamento sobre o tempo revolucionário e seus agentes políticos; por isso, paradoxalmente, por encontrar nessa intimidade seu reduto de liberdade, registrou nestas páginas a denúncia mais contundente. O fato é que nesta “guerra pelo grão” os protagonistas são camponeses, soldados, membros do partido bolchevique, etc., mas sobretudo e dilaceradamente ela, Tsvetáieva: uma mulher sozinha numa Rússia em chamas, atrás de um punhado de farinha para alimentar as filhas. Por outro lado, estes conflitos são para a narrativa não o pano de fundo, sobre o qual se desenrola a aventura da autora, e sim, podemos dizer, o nervo principal, o calo que ela quer apertar no passo autoritário da Revolução. Ela talvez não gostaria de admitir, mas há em seu *Passe livre* mais luta de classes que em qualquer Górkí. E isso faz deste um texto único na literatura russa do período, que os russos vieram a conhecer tardiamente e que hoje nós, no Brasil, podemos conhecer também.

1.4 Poeta sob sacos. (A situação de Marina Tsvetáieva durante a Guerra Civil)

Marina Tsvetáieva no ano de 1917 vivia em Moscou com as duas filhas pequenas, a primogênita Ariadna e a mais nova Irina, nascida havia pouco, em 13 de abril do mesmo ano. O marido, Serguei Efron, terminava a escola militar; ele servia no 56º regimento de cadetes, que defendeu o Krêmlin contra as tropas bolcheviques durante a Revolução de Outubro. O casal se despediu em novembro, quando Efron entrou para os Voluntários que reuniam na Criméia as primeiras formações do Exército Branco. A poeta se viu sozinha com as meninas na Moscou revolucionária. Ela tinha então 24 anos de idade, órfã de pai e mãe. O conforto

material, que recebeu deles por herança, arruinou-se após a Revolução. A casa de seu pai na travessa Triokhprudni, palco de sua alegre infância, acabou demolida e virou lenha no inverno de 1919; já o seu próprio apartamento na travessa Borissogliébski foi ocupado por estranhos, inquilinos alocados ali pelo programa de reassentamento. Tsvetáieva e suas filhas passaram a habitar o sótão, sob as goteiras do telhado, presas de fome e de frio. Ela, que nunca antes precisou se preocupar em ganhar o pão, viu-se sem ter de que sobreviver: o dinheiro, sem valor, evaporou-se, e seus recursos e bens, os que não tinham sido roubados pelos inquilinos, rapidamente se esgotaram em troca de alimentação. Tsvetáieva logo passou a depender dos cartões de racionamento que as vizinhas do prédio emprestavam para a retirada de escassas provisões nos armazéns do Estado. Esta sua aventura no posto de requisição não foi a única humilhação, registrada por Tsvetáieva em seus diários, por que teve de passar em busca de comida. É assim que a vemos frequentemente, carregando bidões e cestas pelos centros de distribuição, arrastando sacos de batata podre nas ruas nevadas de Moscou, sendo literalmente chutada nas filas dos armazéns. Esse período de sua vida foi marcado pela separação de Irina, que morreu de fome num abrigo para crianças no distrito de Kúntsevo, próximo a Moscou, ao qual a poeta recorreu, levando para lá as filhas no inverno de 1919-1920, quando seu sustento ficou impossível. Acreditou que ali seriam melhor alimentadas.

Isso significou para Tsvetáieva uma experiência muito torturante dos acontecimentos históricos. E o triunfo da Revolução a torturava também porque, ao saber sobre as derrotas do Exército Branco no Don, ela só podia imaginar o destino do marido, de quem ficou sem notícias por vários anos. Deste ponto de vista é que podemos compreender a essência de seus posicionamentos, da pessoa que arrastou aqueles sacos de batata e carregou aquela cruz, que só ela conheceu, mas explicou nestes diários e nos poemas. As provocações aos bolcheviques, e mesmo certa idealização da Guarda Branca, a maneira como a poeta se situou nesse embate expressa antes seu sentimento pelas pessoas ligadas à sua história de vida do que uma posição propriamente ideológica. Não sem considerar, é claro, que tudo é ideológico, o meio social no qual ela se criou, mas com um olhar atento para sua literatura, vemos estas pessoas apreciadas pelas ações cotidianas, que souberam dar elas o melhor de si, apesar das agruras e contra toda a brutalidade reinante, sem olhos para diferenças políticas. Exemplo disso vemos na amizade de Tsvetáieva com um dos inquilinos, Henrik Zaks, que morou na sua casa em 1918. Zaks, “o melhor dos comunistas”, como ela o apelidou, era funcionário da Lubianka, sede da temida polícia política, a Tcheká. Tsvetáieva não escondeu o que pensava dos bolcheviques nem sua esperança pela vitória dos Brancos; teve ocasião de ler seus poemas para ele, que os apreciava e sempre a ajudou com rações de alimento. Assim foi com outras personalidades bolcheviques por quem demonstrou apreço, como Piotr Kogan, Anatoli Lunatcharski e Boris Bessarabov; e podemos incluir aqui o soldado Rázin, não nomeado em *Passe livre*, com quem Tsvetáieva se

amistou nesta passagem por Tambóv. Outra importante amizade foi com o poeta Konstantin Balmont em 1919; ao encontrá-lo, um homem já de idade, em condições piores ainda que as suas, Tsvetáieva passou a dividir com ele o pouco que tinha, ajudando com tarefas domésticas e cuidados necessários. Em *Onde está minha casa?*, suas memórias sobre Marina Tsvetáieva, Balmont mais tarde escreveu: “Nos anos da fome Marina, se tinha seis batatas, me trazia três. E quando fiquei gravemente doente, a ponto de não conseguir descalçar o sapato, ela arrumou, sabe-se lá onde, um punhado de autêntico chá” (BALMONT *apud* TSVETÁIEVA, 1994, T. 1, p. 614). Ela mesma contou, por sua vez, com a caridade de amigos, alguns deles bolcheviques, a maioria mulheres, vizinhas e até desconhecidas que a ajudaram nos momentos mais difíceis. É sobretudo esta a política de Tsvetáieva, que ela registra em seus diários, particularmente em *Da gratidão e Fragmentos de “Indícios terrestres”*: na realidade uma micropolítica, onde o centro da observação recai nos exemplos concretos de humanidade, que resistiam ao contexto atribulado da guerra.

Sobre a situação alimentar na Moscou daqueles tempos, Tsvetáieva resumiu em seus *Indícios terrestres*: “No Smólensk o pão custa agora 60 rublos a libra, e dão só duas libras. Quem por astúcia compra mais é agredido” (TSVETÁIEVA, 1994, T. 4, p. 530). Smólensk era um dos mercados onde se praticava então o comércio ilegal, como em Sukhárieva e outras praças moscovitas. Apesar das restrições impostas ao livre comércio de alimentos, lá trocava-se de tudo como numa feira a céu aberto. As incursões da Tcheká não eram suficientes para conter o fluxo de mercadorias, abastecidas diariamente por caixeiros-viajantes ou “homens do saco”. Edward Carr escreveu a propósito que:

[...] comerciantes, suficientemente numerosos para serem apelidados ‘caixeiros-viajantes’, percorriam o país levando bens de consumo simples, que trocavam com os camponeses por alimentos a serem vendidos por preços exorbitantes nas cidades. Os ‘caixeiros-viajantes’ eram denunciados pelas autoridades e ameaçados de prisão e fuzilamento, mas continuavam a prosperar. (CARR, 1981, p. 31)

E sobre os tais “homens do saco”, como dizia a expressão de então, comentou Figes que eles “deixavam as cidades com sacos de roupas ou objetos familiares para os vender ou trocar nos mercados rurais, e voltar com sacos de comida”.

As ferrovias ficaram paralisadas por hordas de homens do saco. A estação de Oriol, um nó importante de linhas que ligavam ao sul, contava com três mil homens do saco que a atravessavam todos os dias. Muitos deles viajavam em brigadas armadas e trens roubados, que deixavam inermes as autoridades locais. Os destinos mais populares (Tambóv, Kursk, Kazán, Simbirska e Saratov) eram invadidos por uns cem mil homens do saco a cada mês. Para as cidades famintas do norte esse comércio primitivo foi um meio generalizado de ganhar a vida. Quase todos se viram obrigados a virar comerciantes em tempo parcial,

operários, funcionários, mesmo os comunistas. Era uma resposta espontânea à crise econômica e ao colapso do comércio da cidade com o campo. (FIGES, 2010, p. 834-835)

Tsvetáieva presenciou em Tambóv esse caos ferroviário das multidões com sacos nas costas que tentavam embarcar para Moscou. Os “homens do saco”, ela observou, eram em sua maioria mulheres: “o cotidiano da Revolução, como qualquer, pesa sobre as mulheres: outrora — gavelas, hoje — sacos”. Tsvetáieva precisou andar por esses mercados e comerciar com essa gente para sobrevivência sua e das filhas. Até que, naquele fim de verão de 1918, tendo esgotado no Smólensk quase tudo o que possuía para trocar, pegou seu próprio saco e tomou essa mesma rota. Talvez sua última cartada, por sugestão de conhecidos mais experimentados no assunto, que prometiam montanhas de farinha. Mas trocar foi um fardo pesado para o qual Tsvetáieva mostrou total inabilidade. Depois de fracassar rotundamente nas negociações com a gente da aldeia, exposta aos ânimos mais violentos, acabou no entanto seduzida por uma camponesa no mercado, de quem comprou três bonecas de madeira e uma peça de âmbar, isto é, tudo o que *não* precisava; e no ponto de requisição, gamando-se num soldado rapagão, deu a ele de presente um anel de prata e um livro; e ao dar, assim resumiu, sugestivamente, como sua moral: “A troco de quê? De nada — nunca — em troca”. Em diversos momentos nos seus diários a vemos nessa situação, de regalar suas coisas a amigos, visitas ou pessoas com quem simpatiza à primeira vista, ou de confiar objetos a estranhos que prometem vendê-los e no fim os roubam. É que de Tsvetáieva, maior que o saco era o coração.

1.5 Características do texto e desafios da tradução:

Tal como sua poesia, a prosa de Tsvetáieva é dotada de uma profunda musicalidade, cuja principal marca é o ritmo. Os sinais de travessão, que na língua russa possuem a função gramatical específica de substituir o verbo em certas ocasiões, extrapolam-na inteiramente nos textos de Tsvetáieva, convertidos em recurso rítmico. E se associam, ao mesmo tempo, com o plano semântico, seja para separar um elemento, fazendo recair sobre ele uma ênfase, ou seja para traçar paralelismos e outros jogos da linguagem. Na construção da prosódia tsvetaievana seu efeito resulta percussivo: os travessões são as baquetas no tambor discursivo, uma marcha contada não só em passos; tem um “esquerda — direita — volver!”, algo de bélico e sempre cortante na sua escrita. Outras vezes, no entanto, há lirismo, nas passagens em que o discurso amoroso intervém, e sobressai a melodia, angulosa, de um timbre agudo. Mais do que na sua poesia, inovadora mas irremediavelmente lírica, Tsvetáieva na sua prosa parece ter se liberado para experimentos mais radicais no campo da linguagem; a reivindicação futurista, de que a linguagem das ruas tomasse de assalto a literatura, se satisfaz plenamente neste e noutros seus

diários do período. O texto possui características de prosa poética, no que tange ao ritmo, mas é profundamente concreto no que diz respeito ao conteúdo vocabular: coloquialismos, é claro, palavras vulgares em boca de soldados, mas não só: há os “sovietismos”, expressões da moda revolucionária que inundaram a língua russa de então, e outras que, ao contrário, a revolução banuiu, porque politicamente incorretas, e todavia aparecem, elas também, na boca de soldados bolcheviques. Assim, Tsvetáieva colhe estes vocabulários e suas incongruências, construindo com isso um tipo muito específico de ironia. Com estas percepções ela cria registros variados para acomodar as idiossincrasias das línguas faladas por soldados, camponeses, etc. Traduzir estes registros implica encontrar não só termos apropriados a eles, mas uma cadência que seja convincente para cada caso. Outras dificuldades, próprias da tradução poética, se percebem nessa prosa: assonâncias radicais, de palavras que às vezes Tsvetáieva quebra ou junta, ou faz saltar de uma para outra, até quase explodir o domínio do sentido: certas passagens “zaum”,⁷ por exemplo, no discurso sobre Rázin novamente aproximam Tsvetáieva de um procedimento futurista. Já na história da cidade submersa em prata, narrada pelo soldado, influi a linguagem do conto maravilhoso e até rimas surgem, resquícios de um tom proverbial. Muitas das frases prescindem de verbos (Tsvetáieva é uma mestra em os evitar). Captar quais as engrenagens e as rupturas do ritmo, encontrar o jeito de bater estas baquetas de Tsvetáieva em nossa língua; projetar a ordem das palavras na frase para fazer cair a ênfase no lugar preciso (disto a ironia depende inteiramente); criar marcas de vocabulário condizentes e procurar o quanto possível modular os registros; são alguns dos desafios que moveram esta tradução. Contribuíram muito para este trabalho as correções que a professora Ekaterina Vólkova Américo gentilmente nos concedeu, as recomendações bibliográficas de Thyago Marão Villela, bem como a revisão da revista *Cadernos de Tradução*; a todos meu especial agradecimento.

À seguinte tradução de *Passe livre* acrescentei algumas notas de rodapé para os pontos específicos que requeiram explicação. Para certos jogos de palavras, seja porque não puderam ser traduzidos enquanto tais, ou porque foi preciso transcriá-los, o texto em russo é citado em nota. Também citadas em rodapé, há notas (três ou quatro) de Tsvetáieva, acrescentadas por ela à publicação do texto em 1924, e um escrito à margem datado de 1938. Para uma melhor acomodação gráfica, as URLs das fontes são citadas nas referências bibliográficas ao final. O

⁷ A idéia de língua transmental [*zaúmní iazík*], criada pelos futuristas russos na década de 1910 como base para seus experimentos fonéticos. Não por acaso Anna Akhmátova, mais tarde, em 1940, no encontro que teve com Tsvetáieva em Moscou, ao ouvi-la recitando seus poemas, criticamente anotou: “Marina caiu no *zaum*. Para ela ficaram estreitos os limites da Poesia. Ela é *dolphinlike* — como diz a Cleópatra de Shakespeare sobre Antônio. Para ela não havia só um elemento [стихий], e ela se retirou para outro ou para outros” (AKHMÁTOVA, 2006, p. 685-686). Esta observação de Akhmátova expressa as diferenças de concepção estética entre as duas poetisas; no caso de Tsvetáieva isto significou um salto em relação à poesia anterior, de inspiração simbolista, como a que dedicou a Akhmátova em 1916 — salto que ela deu, a partir da Revolução e, depois, na emigração, em direção à modernidade.

original de *Passe livre*, na sua versão integral em russo, pode ser consultado após a tradução neste mesmo documento; nas referências bibliográficas encontra-se o URL de onde o texto foi retirado, mas para alguns detalhes, no conferimento de certas palavras grafadas em itálico no original, ou no tocante à disposição gráfica dos parágrafos, foi consultada a edição das *Obras Reunidas* de Marina Tsvetáieva, organizada por Anna Saakiánts e Liév Mnukhin, e publicada em 1994 pela Editora Ellis Lak, Moscou: *Sobranie Sotchinieni v siemi tomakh*. Tomo 4, p. 427-450.

2. Passe livre

Pretchístienka,⁸ Instituto da Dama Cavaleira Tchertova, atualmente Departamento de Belas-Artes.

Juro por Estige que, vivesse cento e cinquenta anos atrás, sem dúvida eu seria uma Dama Cavaleira!⁹ (Vim aqui por um salvo-conduto à província de Tambóv “para o estudo de bordados artesanais” — atrás de painço. Passe livre (para o transporte) de 1 ½ *pud*.¹⁰).

=====

Viagem à estação de Úsman,¹¹ província de Tambóv.

Embarque em Moscou. Quando no último minuto — o próprio inferno irrompeu: rangido, ganido. Eu: “O que é isso?” Um mujique, grosseiro: “Quieta! Quieta! Ainda não saiu do lugar!” Uma *baba*:¹² “Senhor, piedade!” Terror, como diante dos *opríchniki*,¹³ o vagão todo um só ataúde. E, de fato, um minuto depois a nós todos, sem olhar bilhetes e permissões, nos sacam para fora. Descobre-se, precisam do vagão os soldados do Exército Vermelho.

⁸ Rua moscovita.

⁹ Chamavam-se assim as mulheres condecoradas com a Ordem de Santa Catarina da Pequena Cruz. Instituto da Dama Cavaleira Tchertova: trata-se do Instituto Aleksandro-Marinski, fundado por Varvara Tchertova em 1857 como um abrigo para educação de meninas órfãs. Em 1899 o Instituto, agora sob administração dos militares, no qual passaram a estudar as filhas dos oficiais, foi rebatizado com o nome e insígnia de sua fundadora. A escola foi dissolvida em 1917.

¹⁰ *Pud*, antiga medida de peso russa equivalente a 16,38 Kg.

¹¹ O povoado de Úsman, na província de Tambóv, cerca de 500 quilômetros ao sul de Moscou.

¹² *Baba*, a mulher camponesa, assim como *mujique*, o homem camponês russo.

¹³ Refere-se à força policial criada por Ivan IV, o Terrível, em 1565. Vestidos de preto, em túnicas semelhantes a um hábito religioso, os *opríchniki* levavam, pendurada à sela dos cavalos, uma cabeça de cachorro decepada “para farejar a traição” e uma vassoura “para varrer os inimigos do tsar”. Eles eram encarregados da perseguição, tortura e execução de boiardos e outros supostos conspiradores; praticaram também o terror contra a população civil, cujo episódio mais sangrento foi o massacre de Nóvgorod de janeiro de 1570. *Opríchnik* na posteridade se tornou sinônimo de tirania e terror, expressão que aparece na fala ordinária do povo russo. Um exemplo vemos em relato citado por Figes, ao tratar justamente dos destacamentos alimentares durante a Guerra Civil Russa:

No último segundo N,¹⁴ seu amigo, a sogra e eu, graças às minhas credenciais, apesar de tudo conseguimos embarcar.

=====

Tragicamente começo a me dar conta de que vamos a um posto de requisição e... quase no papel de requisitores. A sogra tem um filho do Exército Vermelho na unidade de confisco. Lá prometem todo tipo de bonança (até banha de porco inclusive). E asseveram todo tipo de desgraça (até morte matada inclusive). Os mujiques furiosos chegam a incendiar vagões. A sogra conforta:

— Três vezes já fui, — Deus teve piedade. E há *puds* e mais *puds* de farinha branca! Que os mujiques se enfureçam — dá para entender... Quem em sã consciência iria contra os próprios bens? A eles pilham, pilham simplesmente! Inclusive já disse a meu Kolka:¹⁵ Tema a Deus! Você mesmo, não sendo de família nobre, mas teve sempre abundância, e respeito. Como — deixar a pessoa assim na miséria? Você hoje tem poder — não digo nada — desfrute, e seja feliz! Essa é sua estrela da fortuna. Afinal, senhorita, cada um tem seu destino. Ah, e não é senhorita?¹⁶ Bem, lá se foi meu negócio! Pois arranjo também casamentos. E que noivo lhe arranjará! Mas o marido onde está? Sem notícias? E duas crianças?¹⁷ Mal, mal!

“Que se aproximasse uma brigada de alimentos era suficiente para que os camponeses fugissem presas de pânico. Um sobrecarregado comissário da província de Ufá informou do seguinte incidente: havia entrado na cabana de uma camponesa que, pelo visto, não pôde fugir quando seu pequeno pelotão, que ela confundiu com uma brigada de alimentos, havia chegado na aldeia; ela começou a gritar e agarrou seu filhinho: ‘Me cortem em pedaços e me matem, mas não levem meu filho!’ O comissário a tentou acalmar, dizendo que estava a salvo, mas a camponesa disse: ‘Pensei que iam me matar. Não sabia que tinham bolcheviques que não assassinam os camponeses. Todos que temos visto são *oprítchniki*’” (FIGES, 2010, p. 845).

¹⁴ Abreviatura pela inicial. Não é possível saber quem teria sido N neste escrito de Tsvetáieva. Outros nomes nos seus diários são abreviados de maneira diferente, o que nas edições permite assinalar com “< >” o conteúdo completado, igualmente em nomes de ruas e outras designações. (Nestes casos, quando há no original, mantenho os colchetes apenas para nomes de pessoas). Outras personagens há que são nomeadas não pelos nomes próprios, por razões óbvias, mas por apelidos, como em *Passe livre* o soldado Rázin, a “casamenteira”, etc.

¹⁵ Diminutivo afetoso do nome Nikolai.

¹⁶ Comentamos na seção 5 da Apresentação sobre o jogo irônico que Tsvetáieva faz ao misturar vocabulários em contextos diversos, particularmente palavras que se estigmatizaram após a Revolução por um conteúdo incorreto politicamente, ou porque denunciasses suas antigas origens de classe. É este o caso de *bárichnia*, por que é aqui tratada Tsvetáieva pela sogra, e o será também adiante pelo soldado bolchevique Rázin. Traduzida geralmente por “senhorita”, sendo uma forma particularmente respeitosa de designar uma garota ainda não casada, a palavra, sempre presente na linguagem ordinária dos russos até a Revolução, possui uma marcação precisa de classe, já que se referia necessariamente a filhas de famílias nobres ou “burguesas”. Neste relato de Tsvetáieva a palavra *bárichnia* marca a todo tempo as relações travadas consigo por camponeses ou soldados do Exército Vermelho.

¹⁷ Refere-se ao marido ausente, na frente da Guerra Civil Russa, e as filhas pequenas de Tsvetáieva (cf. seção 4 da Apresentação).

Assim eu digo ao filho: — Pega pela metade de preço, não seria deplorável para ti, e nem o outro ficaria depenado. Afinal o que é isso, algum assalto à mão armada numa beira de estrada. Re-al-mente! Isso, senhorita, se compreende... (e essa agora que só digo “senhorita”, — seu estado é de pior que uma viúva! Nem mulher de seu marido, nem princesa de um amigo!)... isso, senhorinha, se compreende: é um jovem rapaz, na flor da idade, quando vai se divertir, senão agora? Só não sabe que ao outro depenar — é a si mesmo arruinar. Pois até para tirar leite da vaca — é preciso ter juízo. Espreme, porém não como muita sede. Sim, sim...

Mas e como me respeitam lá no posto! — falo sério, como se eu fosse junto dele uma viúva Imperatriz. Um me traz isso, outro aquilo. O meu Kolka tem lá boas relações com o chefe da unidade, que estudou na mesma classe, os dois saíram do liceu na quarta série: Kolka ao escritório, e o outro simplesmente vadiar. Camaradas, quer dizer. E de repente essa mudança, do fundo brotou, a bolhazinha veio à tona. E a meu Kolka ele chamou. Açúcar! Banha! Ovos! No leite — só falta nadarem! É a quarta vez que vou.

=====

Das conversas no vagão:

— E assim é que vai ser, se não parar: Marido — de mil, e Mulher — de um sem fim.

=====

Mas em Moscou, camaradas, lá existe uma igreja — do “Anjo do Grande Soviete”.

=====

À noite se discute sobre Deus. Ódio dos soldados aos ícones e amor a Deus, — “Para quê beijar uma tábuia? Quer rezar, reza só!”

Um soldado — a um oficial (um tipo de ex-liceísta, cabelo bem dividido, língua presa): “Mas qual, camarada, é a fê do senhor?”

Das sombras — a resposta: “Espiritista do partido socialista”.

=====

Estação do Úsman. Às 12 da noite.

Chegada. Uma casa de chá. Mesas fartas. Revólveres, cintas de metralhadora, arreios de couro por todos os lados. Animados, oferecem de beber. Nós, os festejados, sem botas — caminhando da estação quase afundamos. Para a sogra, no entanto, arranjaram-se botinas das patroas.

As patroas: duas velhas assustadas e sardônicas. Servilismo e ódio. Uma delas — para mim: “E você o que é — conhecida deles?” (Piscando ao filho da sogra). O filho: uma cara de Tchitchikov,¹⁸ o corte porcino dos olhos azuis. Sob os cabelos percebe-se a pele de um vivo rosado. Uma mistura de queijo holandês e presunto. Com a mãe é descarado-cerimonioso: “Mamacha”... “A senhora” — e: “A senhora que vá ao...!”

Eu, graças a Deus, não sou notada. A sogra a mim me apresentou de modo vago e equivocado: “Com os parentes dela nos velhos tempos eu mantive relações”... (Ocorre que ela há 15 anos costurou para a mulher do meu tio. “Eu tinha a minha própria tecelagem... Quatro tecelãs qualificadas trabalhavam para mim... Tudo assim como se deve... E eis — me deixou na furada o marido: morreu!”). Numa palavra, de mim nada, — eu: um anexo...

Satisfeitos de comer e beber, nossos dois companheiros de viagem, com os outros, se retiram ao vagão para dormir. Eu e a sogra (ela é sogra de um amigo de N, precisamente quem me fez cair nessa roubada) — eu e a sogra deitamos no chão: ela nos colchões e almofadas das patroas, e eu simplesmente.

=====

Desperto com uma forte pancada. A voz da casamenteira: “O que é isso?” — Uma segunda botinada. — Levanto de um salto. Completa escuridão. Cada vez com mais força os pés pisoteiam, gargalhadas, palavrões. Das trevas a voz estrondosa: “Não se preocupe, mamacha, é a unidade de requisição que chegou para uma busca!”

Risca-se um fósforo.

=====

Gritos, lamento, tinido de ouro, as duas velhas de cabeça descoberta, os colchões estripados, baionetas... Vasculham por tudo.

— Olhem bem atrás dos ícones! Dos santos! Os deuses também amam o ouro!

— Mas nós... Mas não temos nada... Filhinho! Meu pai! Valei-me, meu pai!

— Cala-te, velha caduca!

— Dança o toco de uma vela. E imensas — na parede — as sombras dos soldados vermelhos.

=====

¹⁸ Protagonista de *Almas Mortas*, de Nikolai Gógol. A menção aqui não é por acaso, uma vez que Tchitchikov no livro é justamente o senhor de terras que conta sua riqueza em número de almas, ou seja, de camponeses servos, incluindo os mortos.

(As donas da casa, verifica-se, há tempos estavam na mira. O filho só esperava a chegada da mãe: algo como as manobras da frota ou o desfile do exército em honra da Viúva Imperatriz.)

=====

A busca se prolonga até o dia clarear: a cada vez que me desperto — a mesma coisa. De manhã, estando à mesa para o chá, um pensamento razoável: “Podem bem envenenar. É muito simples. Põem no chá alguma coisa, e assunto encerrado. O que elas têm a perder? Foram tomados os “tsárskie”¹⁹ — tudo está perdido. E se fuzilam — dá no mesmo: morreremos!”

E, vez por todas convencida, bebo.

=====

Na mesma manhã nos mudamos de casa. Essa ideia ocorreu não só a mim.

=====

Os *opríchniki*: um judeu com lingote de ouro ao pescoço, judeu — pai de família (“Se existe Deus, não me perturba, e se não — me perturba tampouco”), e um “georgiano” saído da praça Triunfálnaia,²⁰ numa vermelha *tcherkeska*,²¹ por dez copeques degolaria a mãe.

=====

Meus dois companheiros de viagem saíram para a antiga propriedade do príncipe Viázemski: lagos, jardins... (Famosa pela atroz carnificina).²²

¹⁹ *Tsárskie*, ou seja, moedas do tsar, rublo imperial, unidade monetária corrente nas últimas décadas do Império Russo. Chamado rublo de ouro, pois as moedas tinham lastro do metal precioso (por extensão, às vezes no texto, quando alguém se refere simplesmente a ouro, trata-se de moedas de ouro.) São igualmente moedas de ouro os *nikoláievski*, referidos mais adiante, de valor equivalente a 10 rublos.

²⁰ Localizada no distrito de Tviérskaia em Moscou, a praça Triunfálnaia foi local de agitações políticas em 1905. A repressão a um comício de trabalhadores grevistas na Triunfálnaia levou à Revolta de Dezembro de 1905 e os embates sangrentos que se seguiram entre as tropas do governo e guerrilhas operárias.

²¹ Casaco tradicional caucasiano. Roupas de combate usadas por cossacos e diversos povos guerreiros do Cáucaso, caracteriza-se pelo corte largo, as fivelas de couro, geralmente adornadas com sabres e revólveres, e pares de estojos no peito para armazenar balas ou pólvora.

²² Durante a tomada das terras senhoriais pelos camponeses em setembro de 1917 (cf. seção 3 da Apresentação), precisamente em Úsman transcorreu um dos mais violentos episódios. Boris Viázemski, nobre proprietário de extensa fazenda na região, foi visitado por cerca de 5 mil camponeses revoltos em 24 de agosto (6 de setembro, pelo nosso calendário). Feito ele prisioneiro, na sua propriedade montou-se um tribunal popular, o príncipe foi condenado a ir-se dali para o *front* no comboio de alistamento que passava pelas aldeias. Entretanto, na estação de trem os soldados o hostilizaram e Viázemski acabou morto a pauladas pela multidão. A fazenda foi destruída e a mansão consumida pelo fogo, como outras centenas em Tambóv e nas províncias vizinhas.

Saíram — a nós não levaram. Fico sozinha com a sogra e minha própria alma. Não ajudarão nem uma, nem outra. A primeira esfriou-se comigo, a segunda (em mim) já começa a ferver.

=====

Com a chaleira vou atrás de água quente na estação. De quinze anos de idade o “ajudante de ordens” de um dos oficiais da requisição. Redondo rosto, olhos azuis e atrevidos, nos brancos, como pêlos de carneiro, caracóis — o quepe posto com desleixo. Uma mistura de cupido e brutamontes.

A patroa (mulher do *oprítchnik* aquele com lingote) — uma pequena (sanguessuga!) judia queimada de sol, que “adora” objetos de ouro e tecidos de seda.

— Isso aí são anéis de platina?

— Não, são de prata.

— Então por que usa?

— Eu gosto.

— E de ouro não tem?

— Tenho sim, mas não gosto de ouro: é tosco, óbvio...

— Ah, o que está dizendo! O ouro é o metal mais nobre. Todas as guerras, Ióssia²³ me disse, são travadas por ouro.

(Eu, em pensamento: “Como todas as revoluções!”)

— E permita perguntar, suas coisas de ouro não trouxe? Talvez queira passar algo? Oh, não se preocupe, não direi nada a Ióssia, vai ser um pequeno negócio entre nós, de mulher para mulher! Um pequeno segredo só nosso! (Risinho lascivo). — Podíamos fazer algum tipo de *Austausch*.²⁴ (Baixando a voz): — Pois eu tenho lá boas reservas... A Ióssia nem sempre eu o digo!.. Se banha de porco, por exemplo, você quer — arranjamos banha de porco, se farinha branquinha — arranjamos farinha branquinha.

Eu, com timidez:

— Mas não tenho comigo. Só duas cestas vazias para o painço... E dez archins²⁵ de chita rosa...

Ela, quase insolente:

— E onde é que deixou suas coisas de ouro? Acaso é possível as coisas de ouro deixar, e vir sem nada?

²³ Diminutivo afetoso do nome habrico Iósef, em russo Ióssif.

²⁴ *Austausch*, em alemão: intercâmbio.

²⁵ *Archin*, antiga medida russa equivalente a 0,71 metros.

Eu, com clareza:

— Não só as coisas de ouro, eu deixei — as crianças!

Ela, soltando um riso:

— Ah! ???! Engraçadinha você! E por acaso as crianças são algum tipo de mercadoria? Todos hoje deixam as crianças, dá-se um jeito. Que crianças, quando falta o que comer? (Sentenciosamente): — Para as crianças existem os abrigos. As crianças são propriedade da nossa Comuna socialista.

(Eu, em pensamento: “Como nossos anéis de ouro”...)

=====

Convencida da minha insolvência em ouro, engasgando, ela conta. Antes fora proprietária de uma loja de costura em “Petrogrado”.

— Ah, nós tínhamos um apartamentozinho! Um brinco, não um apartamento! Três quartos e cozinha, e ainda uma dispensa da empregada. Eu nunca aceitei a criada dormir na cozinha — não é higiênico, podem cair cabelos na comida. Um dos quartos era de dormir, o outro de jantar, e o terceiro, cor celeste — a sala de recepção. Pois eu tinha fregueses bastante importantes, com meus casaquinhos eu vestia a fina flor de Petrogrado. Oh, nós ganhávamos bem, muito bem, cada domingo recebíamos visitas: e vinho, os melhores produtos, e flores... Ióssia tinha todo um quite de fumar: uma mesinha trabalhada em filigranas, do Cáucaso, com tudo que é tipo de cachimbo, apetrechos, cinzeiros, caixinhas de fósforo... Tivemos a ocasião de comprar do fabricante... E em casa jogava-se cartas, e se apostava, lhe asseguro, não qualquer bagatela.

E tudo isso nós tivemos de deixar: a mobília vendemos, algo sim nós escondemos... Claro, Ióssia tem razão, o povo está cansado de sofrer com os grilhões da burguesia, mesmo assim, com um apartamento desse...

=====

— Mas e você aqui o que faz, quando chove, quando todos os seus estão na requisição? Lê?

— Sim...

— E o que está lendo?

— “O Capital” de Marx, o marido não me dá romances.

=====

Estação de Úsman, província de Tambóv, onde nunca estive antes e não voltarei a estar. Trinta verstas²⁶ a pé pelo campo segado para trocar a chita (rosa) por grãos.

²⁶ Versta, antiga medida russa equivalente a 1.067 metros.

=====

Os camponeses.

Sessenta isbás — uma clareira: “Não, não temos nada, e vender — não vendemos, trocar — não trocamos. O que tinha — os camaradas tomaram. Deus queira que ao menos restemos com vida”.

— Mas não vou levar de graça e não pago com moeda soviética. Tenho fósforos, sabão, chita...

Chita! Palavra mágica! A primeira (a serpente depois!) paixão da antepassada Eva! Olhos inflamados, testas desanuviadas, braços atraídos. Nem sequer as bisavós ficam atrás, respingam bocas desdentadas: “uma chitazinha hã? para o sudário!”

E aqui estou eu, num círculo sufocante: de avós, bisavós, namoradinhas, noivas, moçoilas, netinhas de joelhos em redor da minha cesta — eu remexo. A cesta é pequena — estou toda em evidência.

— E o sabão é perfumado? E simples não tem? E os fósforos, quanto? Essa chita é de boa qualidade? Manka, mas Manka, iria bem numa blusinha! Mas quantos archins você diz? De-e-ez! Não chega a oito!

Apalpam, farejam, esticam, alisam, e fique de olho — ou elas provam com os dentes. Então de repente uma delas irrompe:

— Essa cor! Essa cor! Igualzinha a que Kátia pegou para a saia semana passada. Também uma de Moscou a vendia. É cendal — mas como seda! As mesmas franjinhas e pregas... Mamanka, mamanka, pegamos? Quanto pede, vendedora, pelo archin?

— Por dinheiro eu não vendo.

— Não ve-ende? Como isso que não vende?

— Bem, vocês sabem que o dinheiro não está valendo nada.

— E o que é que nós sabemos? Nossa vida é de ignorância. Também uma de Moscou disse que as coisas vão até que muito bem para vocês.

— Venham — e verão.

(Silêncio. Olhares de soslaio para a chita. Suspiros).

— De que é que precisa?

— Painço, banha.

— Ba-anha? Não, banha não temos. E que banha? Se nós mesmas só comemos tudo a seco.²⁷ Mas e mel você não quer?

²⁷ Além do uso como óleo de cozinha, com a banha de porco se produzia uma pasta igual manteiga, para passar no pão (já a manteiga de leite, como a conhecemos, era então artigo de luxo).

(Instantânea visão de mim própria coberta de mel derramado, e por essa visão — quase raiva!)

— Não, quero banha — ou painço.

— E quanto, se painço, pela chita? (A propósito, não é chita em absoluto, mas um raro e puro cendal rosa, que peguei dos cartõezinhos).²⁸

Eu, de repente intimidada: $\frac{1}{2}$ *pud* (me recomendaram — três!)

— Me-eio *pud*? E isso lá é preço. Sua chita é de seda por acaso? De bonito só a cor. E, capaz, na primeira lavagem desbota.

— E quanto é que vocês dão?

— Teu produto — teu preço.

— Eu já disse: meio *pud*.

Uma trégua. Cochichos...

Observo a isbá: toda marrom, como de bronze: teto, chão, bancos, panelas e mesas. Nada além do necessário, tudo eterno. Os bancos como que penetram com raízes nas paredes, ou melhor, — como se delas tivessem brotado. E nos rostos o tom é o mesmo: marrom! Tom do âmbar nos pescoços! Dos próprios pescoços! E sobre toda a marronzice — o último azul do último veranico. (Palavra cruel!)

=====

Os cochichos se delongam, paciência fica curta — e arrebenta. Levanto — e, secamente:

— Então, vão pegar ou não vão?

— Olha, se fosse em dinheiro — quem sabe. O que pensa você, que nós temos de sobra?

Junto o que é meu (a cartela de fósforos, três nacos de sabão, dez archins de cetineta), fecho com a vara a cestinha. À porta: “Boa sorte!”

Vinte passos. Pés descalços ao encalço.

— Vendedora, hei vendedora!

Sem me deter:

— Quê?

— Que tal sete libras?

— Não.

²⁸ Quando fala de cartõezinhos, Tsvetáieva se refere aos cartões de racionamento, que permitiam retirar produtos nos centros de distribuição estatais. Por não ter um emprego regular, não tendo acesso a eles, usou geralmente de cartões que as vizinhas ou amigos emprestavam (cf. seção 4 da Apresentação).

E mais longe, eu de raiva salto à frente cinco isbás — até a sexta.

=====

Acontece de maneira diferente: entendemo-nos bem, tudo está posto, separado — então no último segundo: “Sabe Deus de onde vem e que desgraças traz consigo. E o cabelo tosquiado... Vá embora por bem... De sua chita nós aqui não precisamos”...

Ou acontece ainda assim:

— Para você, viu, moscovita, nossa vida é incompreensível. Pensa que as coisas nos chegam de graça? E esse painço que aí está — caiu do céu? Vem viver na roça, trabalhar nosso trabalho, e vai saber. Vocês, os moscovitas, têm mais sorte, tudo lhes chega das autoridades. Essa chita, olhe lá, se ela também não foi de graça...

...Nos dê a caixinha de fósforos, para termos com que lembrar de você, forasteira.

=====

E eu dou, é claro. Por orgulho, por repulsa, assim como Cristo não manda que dê: assegurando minha ida ao inferno — eu dou!

=====

Pelo grito: “galinha não voa!” estou pronta a estrangular não só as galinhas delas, mas as próprias — todas! — até a décima geração. (Não ouço outra resposta).

=====

A feira. Saias — porquinhos — abóboras — galos. Reconciliadora e encantadora beleza nos rostos das mulheres. Todas de olhos negros, todas com colares.

Compro um jogo com três *babas* de madeira, e agarro-me a certa *baba* viva, negocio com ela uma argola de âmbar escuro, de usar no pescoço, e com ela saio da feira — sem nada do que eu precisava. No caminho me inteiro de que ela “na festa de Kazán²⁹ passeou com um soldado” — e aí está... De esperanças, é claro. Como toda a Rússia, por certo.

De volta à casa. A patroa indignada pelo âmbar. Solidão. Eu chego em busca de água quente na estação, e as garotas — “A moça pôs âmbar! Que vergonha! Vergonha!”

=====

Lavo o chão da casca-grossa.

— E também enxague as poças! Pendure o chapéu! Mas não assim! Precisa ser tábua por tábua! Vocês em Moscou será que fazem diferente? Eu, sabe como é, não posso lavar o chão, — me dói a lombar! Mas você desde a infância deve estar acostumada!

Calada eu engulo as lágrimas.

²⁹ Isto é, a festa da Virgem de Kazán, celebrada no dia 8 de julho, em honra do ícone milagrosamente aparecido na cidade de Kazán no século XVI.

=====

À noite puxam de baixo de mim a cadeira, janto os *meus* dois ovos sem pão (no posto de requisição, na província de Tambóv!)

Escrevo à luz da lua (a sombra negra da mão e do lápis). Em volta da lua um círculo enorme. Bufo uma locomotiva. Ramagens. Vento.

=====

Senhores! Meus amigos de Moscou e de todas as partes! Pensam demais nas próprias vidas, não têm tempo para pensar na minha — e valeria a pena.³⁰

=====

A sogra: ex-costureira, loquaz fanfarrã casamenteira de Zamoskvoriétchie³¹ (“me deixou numa furada o marido: morreu!”). Um grosseirão, comunista com lingote de ouro ao pescoço; a judia-interesseira, ex-proprietária de uma loja de costura; uma quadrilha de ladrões em *tcherkeskas*; os mujiques carrancudos e desconfiados, o pão *alheio* (vender por dinheiro, aqui, não é suficiente até para a consciência comunista!)

Por todos os meios eu sou uma pária: para a casca-grossa — “pobre” (com meias baratas nos pés, sem brilhantes), para o grosseirão — “burguesa”, para a sogra — “gente do passado”, para os soldados do Exército Vermelho — uma arrogante senhorita³² de cabelo curto. Mais próximo de mim (a 1.000 versts de distância!) estão as *babas*, com quem compartilho uma mesma paixão pelo âmbar, pelas saias multicores, — e como de berço uma mesma bondade.

=====

“Senhor! Esfola de morte — quem tem banha e açúcar!” (Provérbio local).

=====

“Não tinha mais tranquila que a nossa cidade!” (Relato de um mujique a caminho de Úsman. — E o mesmo não dirá de toda a Rússia?)

=====

Hoje os *oprítchniki* partiram um poste telegráfico para a lenha.

=====

A patroa se inclina atrás de algo. Do seio lhe escapa um punhado de ouro, as moedas com ruído saem rolando pelo cômodo.

³⁰ Uma posterior anotação à margem: “Posso dizer o mesmo — palavra por palavra — *vingt ans apres** em abril de 1938 — em Paris. M. Ts.” (Nota da edição russa.) (TSVETAIEVA, 1994, T. 4, p. 664). *Em francês, “vinte anos depois”.

³¹ Bairro de comerciantes prósperos em Moscou.

³² *Bárichnia* (cf. nota 15).

Os presentes, a princípio — abaixam, logo desviam — os olhos.

=====

Desde a manhã — ao assalto. — “Tu, mulher, fica em casa, prepara a *kacha*,³³ que a manteiga eu vou trazer!...” — Como num conto de fadas. — Pelas quatro se reúnem. Nossos Kapláns têm algo como uma sala de jantar. (A patroa: “Para eles é cômodo, para Ióssia e eu é proveitoso”. Os “produtos” — vêm de graça, os almoços — são pagos.) Vinho não se vê. Banha, ouro, feltro, feltro, banha, ouro. Chegam cansados: vermelhos, pálidos, suados, zangados. Eu e a patroa num relance corremos pôr a mesa. Sopa com galo, *kacha*, *blinis*,³⁴ ovos fritos. Comem a princípio calados. Sob a carícia da banha e da manteiga logo as testas desenrugam, os olhos umedecem. Depois da pilhagem — a partilha: de impressões. (A partilha de bens é feita no local.) Comerciantes, popes, *kulaks*³⁵ da aldeia... Para aquele um tanto de linho... Para este um barril de banha líquida... Para outro mil *tsárskie*... E por vezes — simplesmente só um galo...

Ruzman (pai de família) é cheio de bondade. Encontrando algum fruto proibido (escondido), como um saco de farinha, é o primeiro a se compadecer:

— Ai-ai-ai! E a família é grande! De fato não se pode alimentar os sete filhos, a mulher, a vovó e o vovô somente com ar!

Há nele também um perito: assim, o astuciosamente-ocultado e longamente-defendido provoca sua admiração.

— Que espertinho esse Mikichkin, que espertinho! Poderia gerenciar a liquidação dos bancos! E onde, vocês acham, ele terá embalsamado seus *nikoláievski*?

Aos poucos (oito dias!) eu adentro, me habito, compartilho já (liricamente!) seus triunfos e desgraças, a patroa, preocupada com a longa ausência do marido, — para mim: “Mas será que nosso Ióssia está nos traindo?”

Eu me sinto no meio de um conto de fadas, *mitten drinnen*.³⁶ O ladrão, a mulher do ladrão — e eu, da mulher do ladrão — a criada. É claro, sempre se pode — puxar o machado... Mais provável é que, com êxito espalhando minhas 18 libras de painço pelos 80

³³ *Kacha*, mingau russo feito de cereais ou farinha.

³⁴ *Blinis*, tradicionais panquecas da cozinha russa.

³⁵ *Kulaks*, camponeses ricos das aldeias. Sua riqueza não era nada que se comparasse à dos antigos latifundiários da nobreza. Capazes de empregar mão-de-obra de camponeses mais pobres, os *kulaks* (palavra que em russo significa “punhos”) eram vistos pelo governo soviético como bastiões do capitalismo nas aldeias. Os *kulaks* não eram tão numerosos quanto pregava a propaganda, e os que existiam acabaram por ser literalmente “eliminados” nos anos de 1929-31 durante a coletivização forçada do campo.

³⁶ Em alemão: por dentro.

postos de controle, alegre eu irrompa na minha cozinha da Borissogliébski,³⁷ e ali mesmo — sem recobrar o fôlego — expire num verso!

=====

Chamam para a requisição. (Assim os duques, nos tempos passados, convidavam para a caça!)

— Deixe seus fósforos!.. (Quantas caixinhas sobraram? Como — deu três de presente? Ah, ah, ah, nada prática você! Venha com a gente, e vai sem fósforos trazer todo um vagão de farinha. Não precisa fazer nada com as mãos — dou minha palavra de honra de comunista: você não moverá nem o menor dos seus dedinhos!

E a patroa, com ciúme (não por mim, é claro, mas pelos imagináveis “produtos”).

— Ah, Ióssia, mas como isso é possível! Quem amanhã me lavará a louça quando eu for à feira atrás de fermento?

(O único “produto” que se compra nessa família).

=====

Louças aos montões relavadas e o chão já duas vezes esfregado! O sentimento de estar indiscutivelmente reduzida à condição de escravatura. A imprestável sogra, no tom da patroa, me maltrata. Dos meus traidores Teseus (bela — Naxos!)³⁸ já pela segunda semana — nem sinal de vida.

Tenho por ora: 18 libras de painço, 10 libras de farinha, 3 libras de banha de porco, uma peça de âmbar e três bonecas para Ália.³⁹ Ameaçam com os postos de controle.

=====

Explodo de riso e raiva. A noite transcorria como as outras. Entravam, saíam, troçavam, fumavam, planejavam as incursões do dia seguinte, faziam o balanço das atuais. Numa palavra: a paz. E de repente: um estrondo: Deus! Quem começou — não me lembro. Lembro só da minha voz:

— Senhores, se ele não existe — por que o odeiam tanto?

— E quem lhe disse que odiamos ao Senhor Deus?

— Ou o amam além da conta: pois não cansam de falar nele.

— Falamos porque muitos ainda creem nessas tolices.

— Eu a primeira! Tola eu nasci, e serei tola até a morte. (Agora foi a sogra que estourou).

³⁷ Travessa Borissobliébski n.6, endereço de Marina Tsvetáieva em Moscou.

³⁸ O mito de Ariadne, a quem Teseu abandonou, partindo secretamente da ilha de Naxos enquanto ela dormia.

³⁹ Ália, nome carinhoso pelo qual Tsvetáieva chamava sua filha, Ariadna Efron (1912-1975).

Levit, com indulgência:

— A senhora, madame, é um fenômeno completamente compreensível, todas nossas mamachas e nossos papachas acreditam, mas aqui (um espasmo de ombros na minha direção)... a camarada numa idade tão jovem, podendo desfrutar de todos os bens culturais da capital...

A sogra:

— Bem, e daí que é da capital? Vocês acham que em Moscou somos todos ateus ou o quê? Mas nós em Moscou temos só de igrejas quarenta vezes quarenta,⁴⁰ e monastérios, e...

Levit:

— São resquícios da ordem burguesa. Com seus sinos fundiremos monumentos.

Eu: — Para Marx.

Olhar penetrante: — Exato.

Eu: — E para o assassinado Urítski.⁴¹ Eu, a propósito, conheci o assassino.

(Um salto, — Eu alongo a pausa).

... Pois claro, — brincávamos juntos nas mesmas areias: Kanneguisser Leonid.

— Parabênizo você, camarada, por essas brincadeiras!

Eu, terminando a história: — Hebreu.

Levit, encolerizando-se: — Bem, isso nada tem a ver com o assunto!

A sogra, sem entender: — Quem os judengos⁴² mataram?

⁴⁰ Segundo o dito popular, Moscou tinha “quarenta vezes quarenta” igrejas. A expressão (*sórok sorokóv*) serviu posteriormente para designar uma grande quantidade de qualquer coisa.

⁴¹ Moissei Urítski, revolucionário do Partido Bolchevique, chefe da Tcheká de Petrogrado. Tcheká, abreviação de *Tchrezvicháinaia Komíssia* (Comissão Extraordinária), era a polícia política do governo soviético durante o comunismo de guerra. Urítski foi morto num atentado a tiros em 30 de agosto de 1918. O autor do crime, o poeta Leonid Kanneguisser, um cadete militar do Partido Socialista-Revolucionário, admitiu ter agido para se vingar do amigo, o oficial Vladímir Pereltsweig, fuzilado pela Tcheká em 21 de agosto do mesmo ano. Naquele mesmo dia 30 de agosto, entretanto, foram efetuados disparos contra Lênin em Moscou; a autora deste atentado era também uma socialista-revolucionária, Fanni Kaplán. A coordenação destes eventos pareceu evidente. Em resposta a Tcheká declarou o “Terror Vermelho”, como se chamou a onda de repressões e execuções perpetradas pela Tcheká nos meses seguintes. Como confessa a seguir, Tsvetáieva conheceu Kanneguisser, porém não na infância, e sim no inverno de 1915-1916, quando esteve de viagem a Petrogrado. Lá, participou de um sarau literário na casa de Akim Kanneguisser, na época um ponto de encontro muito frequentado pelos poetas da cidade. O sarau em questão foi descrito por Tsvetáieva mais tarde em *Uma noite de outro mundo*. Àquela noite ela conheceu Mikhail Kuzmin, encontrou Óssip Mandelstam, que também lá estava, e Serguei Iessiênin; Iessiênin era particularmente próximo de Leonid Kanneguisser, já Tsvetáieva travou amizade com o filho mais velho de Akim, Serguei. Esta passagem de *Passe livre* não consta nos diários de Tsvetáieva de 1918; em vez disso, há somente uma nota de sua surpresa ao receber a notícia: “Leonid K<anneguisser>! Um menino mimado efeminado de 19 anos — um esteta, poeta, puchkiniano, de poses sérias, olhos amendoados <escrito sobre a linha: unhas>. Assim era você em janeiro de 1916 (minha primeira ida a Petersburgo!)”. (TSVETÁIEVA, 2001, p. 272)

⁴² *Jid*, palavra usada pela sogra para se referir aos judeus nesta conversação, na língua russa tem uma conotação particularmente pejorativa. Já no século XIX ela não circulava em documentos de Estado ou na imprensa oficial, mas na fala coloquial seu uso permaneceu. Depois de 1917 o governo bolchevique promulgou decretos que previam penas duras ao crime de antissemitismo, e porquanto não houvesse uma lei proibindo especificamente o uso da palavra *jid*, evitá-la passou a ser mais que uma questão de decoro. Houve o caso, em 1923, dos poetas Serguei Iessiênin, Piotr Oriéchin, Serguei Klitchkóv e Aleksei Gánin, obrigados a se retratar publicamente, após uma denúncia, que acabou na delegacia, de antissemitismo porque usaram a palavra *jid* numa conversa de bar.

Eu: — Urítski, chefe da Extraordinária de Petersburgo.

A sogra: — Viche. Mas como, ele também era dos judengos?

Eu: — Hebreu. E de boa família.

A sogra: — Bem, quer dizer que brigaram entre si. Aliás, é coisa rara entre os judengos, entre eles, ao contrário, um encobre o outro, o padrinho se queima — o genro assopra, juro por Deus!

Levit, para mim: — Bem, e então, camarada, o que acontece depois?

Eu: — Depois o atentado contra Lênin. Também uma hebreia (dirigindo-me ao patrão, suavemente), de seu mesmo sobrenome: Kaplán.

Levit, adiantando-se à resposta de Kaplán: — E o que você quer demonstrar com isso?

Eu: — Que hebreus, como os russos, tem de todo tipo.

Levit, saltando: — Eu, camarada, não compreendo: ou não estou ouvindo bem, ou sua língua é que está muito comprida. Você se encontra agora num posto de requisição, estação de Úsman, na casa de um membro efetivo do P.C.R., camarada Kaplán.

Eu: — Sob um retrato de Marx...

Levit: — E no entanto você...

Eu: — E no entanto eu. Por que não trocar opiniões?

Alguém dentre os soldados: — E nisso a camarada tem razão. Que liberdade de expressão, se não se atreve a dar por si mesmo um soluço! E afinal a camarada não falou nada demais: só que um judengo empacotou outro judengo, e isso a gente já sabia.

Levit: — Camarada Kuznetsóv, peço a você que retire sua ofensa!

Kuznetsóv: — E que ofensa?

Levit: — Você achou por bem se expressar sobre uma vítima ideológica por — judengo?!

Kuznetsóv: — Mas você, camarada, fique tranquilo, eu mesmo sou membro do Partido Comunista, e se disse judengo — é meu costume dizer assim!

A sogra — para Levit: — Mas você, pombinho, por que se zanga? Pense só — “judengo”. Como nós toda Moscou diz judengo, — e de nada adiantam seus decretos de proibição! Por isso é judengo, porque a Cristo crucificou!

— Criss — to — o?!!

Aqui Tsvetáieva corrige a sogra, quando esta pergunta se “ele também era dos *jid*” (referindo-se ao fato de serem judeus o assassino Kanneguisser como o assassinado Urítski), ao que ela responde: “*Evrei*”, isto é, hebreu. Para traduzir *jid*, visto que não temos na língua portuguesa uma palavra de calão equivalente, usei a variante, pouco comum e de pronúncia distinta, “judengo”, que em si mesma não tem nenhuma acepção pejorativa dicionarizada, mas a intenção é que no contexto cause o estranhamento de um palavrão.

Foi como se estralasse um chicote. Como se estralassem nele um chicote. Como se nele estralassem mil chicotes. De um salto levantou. Do nariz encurvado as narinas dançavam.

— Então são essas suas convicções, madame? Eis por quais produtos percorre a senhora as províncias — Isso também se refere a você, camarada! — Levar propaganda? Armar pogroms? Abalar o poder soviético? Olhe que eu... Olhe que eu num segundo lhe...

— E não me assusta! E eu tenho um filho para quê? Ele mesmo é mais bolchevique do que você nunca será. Veja só — como se exalta! E ainda silva como uma cobra! Cinquenta anos nas costas, — para ver essa desonra...

A patroa: — Madame! Madame! Acalme-se! O camarada Levit estava brincando, o camarada sempre brinca assim! Mas julgue a senhora mesma...

A casamenteira, sem dar atenção: — Não quero julgar, nem quero brincar. Cansei de sua vida nova! Com Nikolacha⁴³ nós tínhamos pão e *kacha*, ⁴⁴ e agora por essa mesma *kacha* — Deus que me perdoe! — corremos como cães com a língua de fora 30 verstas pela lama...

Alguém dentre os soldados: — Nikolacha e a *kasha*? Eh tu, mamacha!.. E não é hora da gente ir para casa, rapazes? Amanhã ao raiar do dia partimos para Ipátovka.

=====

Voltam N e o genro. Contentes, trouxeram farinha. E para mim uma porção de meio *pud*. Amanhã nós partimos. Partimos, se conseguirmos subir no trem.

=====

Stenka Rázin.⁴⁵ Dois São Jorge.⁴⁶ Rosto redondo, brejeiro, sardento: Iessiênin, só que sem a pequenez. Agora mesmo, junto a outros rapagões, voltou da requisição. Vejo-o pela primeira vez.

⁴³ Diminutivo afetuoso de Nikolai, isto é, referindo-se aqui ao último imperador da Rússia, Nicolau II, fuzilado naquele ano de 1918, a 17 de julho.

⁴⁴ “Chegaram os bolcheviques — nem cisco de pão ou farinha”, — provérbio moscovita de 1918. (Nota de Marina Tsvetáieva).

⁴⁵ Líder da grande Rebelião Cossaca de 1670, sublevou cossacos e camponeses contra os nobres e a autoridade do tsar e tomou cidade após cidade ao longo do rio Volga com seu exército, proclamando o fim da servidão e sob o lema da igualdade entre todas as castas. Depois de sua captura e execução pública na Praça Vermelha, Stepan (Stenka, no diminutivo) Rázin entrou para o folclore nacional como herói da rebelião. Naturalmente, voltou a ser lembrado no tempo da Revolução. Os poetas Velímir Khliébnikov, Vassíli Kamienski e Maksimilián Volóchin, entre outros, escreveram versos sobre Rázin; Tsvetáieva inspirou-se nele para o ciclo de poemas homônimo em 1917. É interessante que seu amigo bolchevique tenha tal apelido; no mês seguinte Tsvetáieva escreverá o poema *Tsar e Deus!* (cf. ao final nas referências), o qual datou do primeiro aniversário da Revolução de Outubro, cujo refrão: “Perdoai Stenka Rázin!” encontra eco nas notícias de que o Exército Branco, numa investida do general Mámontov pela frente sul, aproximava-se perigosamente de Moscou; ela imagina então um cenário em que a contra-revolução se saísse vitoriosa e o próprio tsar voltasse dos mortos para julgar o inimigo e, não obstante, suplica: “Perdoai Stenka Rázin!”

⁴⁶ Distintivo de honra concedido aos heróis militares do exército russo e consagrado a São Jorge (em russo, Gueorgui), o Vitorioso, santo padroeiro de Moscou e cuja imagem estampa o brasão de armas da cidade.

— Rázin! — Não sou eu quem o diz: o coração é quem repica! (O coração — é todo um sino! Mas aqui não há sineiros!)

Já aviso: *meu* Rázin (das canções) tem cabelo fios de oiro, — um ruivo loiro. (Aliás, que de algumas cabeleiras o loiro é de oiro, e nesse ouro como há louros!)⁴⁷ Pugatchiów⁴⁸ é negro, Rázin é loiro. E a própria palavra: Stepan! Esteira, sapé e estepe. Acaso um negro Stepan é possível? E: Rá — zin! Raio e zina, e quase ravina, — Rázin!⁴⁹ Amplidão não tem negrura. A negrura — é mata fechada.

Esta medalha, naturalmente, foi extinta depois da Revolução; portanto o salvamento do estandarte, a que se refere Tsvetáieva mais adiante, que valeu ao soldado a condecoração, terá sido na I Guerra, o estandarte imperial.

⁴⁷ Jogo com a palavra *bielokur*, forma breve do adjetivo *bielokúri*, que em russo significa “loiro”. *Bielokur* contém o radical *biél*, que significa “branco”, isto é, no caso o claro do cabelo. Na observação entre parênteses sobre esta д: белокудр, белые кудри: и буйно и бело. А белокур — что? Белые куры? Какое-то бесхвостое слово!). Para se resolver o problema da tradução, uma vez que o jogo de palavras em si não é traduzível, tampouco é possível uma tradução literal que não soe *nonsense*, e menos ainda se pode suprimir o parêntese da autora, resta somente o recurso da transcrição poética; foi o que tentei ao criar outro jogo de palavras paralelo. As palavras que encontrei na língua portuguesa que melhor permitem recriar o sistema foram *loiro* e *oiro* (como se no loiro estivesse o claro do oiro pelo mesmo processo de fusão) e *ouro* e *louro* (identidade de oiro com ouro, e uma dissociação relativa entre loiro e louro; ao mesmo tempo *louro* invoca afinal o caráter impetuoso do personagem: [laureado por] Dois São Jorge. Destaco aqui este trecho, e explanação de um procedimento que, mais ou menos evidente ou “concreto”, é recorrente na prosa tsvetaievana, e do qual só a tradução poética é capaz de dar conta. Outros dois casos que destaquei em nota são associações de palavras por assonância.

⁴⁸ Iemelián Pugatchiów, outro rebelde cossaco, liderou a guerra camponesa de 1773-1775. Assim como Stenka Rázin, foi cantado pelos poetas, sendo seu lugar consagrado na literatura russa por Aleksandr Púchkin. Púchkin pesquisou sobre Pugatchiów nos arquivos do Estado e em 1833 percorreu as cidades de Kazán e Orenburgo, onde entrevistou testemunhas sobreviventes da rebelião, para redigir sua *História da rebelião de Pugatchiów*. O texto, de caráter historiográfico, forneceu material para a redação, no ano seguinte, de *A filha do capitão*, uma das mais famosas novelas puchkinianas. Sua influência ecoou por todo o século XIX e parte do XX, incluso em diversos poemas, no tempo revolucionário, que recuperavam a imagem do famoso rebelde. Particularmente significativo foi o poema dramático *Pugatchiów*, de Serguei Iessiênin. A propósito observou Omar Lobos, tradutor deste poema de Iessiênin para o espanhol, que o poeta trabalhou nele entre fins de 1920 e junho de 1921, momento em que a Revolta de Tambóv sofria o auge da repressão: “os amigos de Iessiênin creram ver uma alusão a ela nos versos: ‘Que a esta lua de noite,/ como uma lâmpada de querosene,/ o faroleiro de Tambóv a acenda’, no capítulo de ‘Pugatchiów’ em que os rebeldes são esmagados”, diz Lobos. Comenta ainda que a associação de Pugatchiów com Aleksandr Antónov, líder da Revolta de Tambóv, foi assim aludida pelo jornalista e crítico Gueorgui Ustínov em 1923: “O ‘Pugatchiów’ de Iessiênin não é o Pugatchiów histórico... e sim o Pugatchiów-Antónov de palavra, Tsvetáieva joga com ainda outras duas: *kúdri*, em russo “cachos”, e *kúri*, “galinhas”. Ela diz assim (nos colchetes nossa tradução-explicação): “Estúpida supressão da letra d: *bielokúdr* [palavra inventada por Tsvetáieva, fundindo-se *biél* e *kúdri*], *biélie kúdri* [claros cachos]: impetuoso e claro [*biélo*]. Mas *bielokúr* [loiro, de claros...] — o que é? *Biélie kúri*? [Claros galinhas?] Palavra de rabo decepado!” No original em russo: “Оговорюсь: мой Разин (песенный) белокур, — с рыжевой белокур. (Кстати, глупое упразднение буквы Tambóv, o canto de cisne da caótica Rus iessieniniana”. (LOBOS, 2020) Isso faz sentido porque Iessiênin era um poeta muito ligado a suas raízes camponesas e seu desgosto pelos rumos da Revolução esteve relacionado ao destino trágico do campesinato nesse processo. Faz sentido também que Tsvetáieva em seus diários de 1918 tenha figurado seu “herói” como Stenka Rázin (a propósito, aproximando-o em aparência a Iessiênin), ao presenciar a situação dos camponeses na província de Tambóv, ao passo que a revolta apenas começava a efervescer. Rázin e Pugatchiów na literatura nunca são personagens históricos enquanto tais, mas sempre encarnações da rebelião, como Tsvetáieva mesma notou, ao comparar os dois Pugatchiów de Púchkin: do Púchkin poeta em *A filha do capitão*, e do Púchkin historiógrafo em *A história da rebelião de Pugatchiów*. Tsvetáieva lembrou-se, em *Púchkin e Pugatchiów* (1937), de como aos sete anos de idade, por meio de Púchkin, sentiu, pela figura de Pugatchiów, “encantamento — pelos seus olhos negros e sua barba negra”, ou seria dizer, prefigurada em sua consciência infantil: “a paixão de todo poeta pela rebelião. Pela rebelião personificada em um. Pela rebelião que tem uma cabeça e dois olhos. Pelo um contra todos — e sem todos. Pelo transgressor. Aquele que não sente paixão pelo transgressor — não é poeta. (Que essa paixão pelo transgressor em um regime revolucionário resulte para o poeta numa contra-revolução — é natural, já que os rebeldes se tornaram — o poder)”. (TSVETÁIEVA, 1994, T. 5, p.509-510)

⁴⁹ Em russo: “Да и слово само: Степан! Сено, солома, степь. Разве черные Степаны бывают? А: Ра — zin! Заря, разлив, — рази, Разин!”

Rázin — ainda imberbe, e já com mil princesas persas!⁵⁰ E dispara já na minha direção:⁵¹

— De Moscou, camarada? Como não, como não, Moscou eu conheço! Das sete colinas⁵² Moscou avistei! Era ainda pequenino, esses versos aprendi sobre Moscou:

*Gloriosa cidade, antiga cidade,
Os confins de seu abraço
Têm aldeias e arrabaldes,
Têm castelos e palácios...*⁵³

Moscou — é a mãe das cidades. Em Moscou foi que o reinado começou.

Eu: — E em Moscou acabou.

Ele riu, dando por si: — Muito bem observado.

*Eh, Moscou, Moscou, Moscou
A cabeça dourada mostrou
Pela úl — ti — ma — vez!*⁵⁴

Em Moscou passei a Páscoa. Começou a repicar o Sino de Ivan o Grande⁵⁵ — e respondendo — cada um com sua voz — em separado, tudo junto, à frente e atrás, — até que eu mesmo não sabia: se o ferro repicava ou se era eu. Quase me explode a cabeça — por Deus! Disso eu jamais vou esquecer.

⁵⁰ Antes de declarar a rebelião cossaca, Rázin navegou com seus homens pelo mar Cáspio, realizando uma série de saques na costa da Pérsia e vivendo, essencialmente, de banditismo. A famosa canção popular *Volga, Volga, mãe querida* narra seu retorno à terra russa, a bordo com uma princesa persa a quem, para agradar a seus piratas, Rázin teria lançado nas águas do rio dizendo: “Para que a discórdia/ A livre gente não impeça/ Volga, volga, mãe querida/ Tome a princesinha persa” [Чтобы не было раздора/ Между вольными людьми,/ Волга, Волга, мать родная,/ На, красавицу возьми!]

⁵¹ Todo o encontro, a não ser as primeiras palavras, foi a sós. (Nota de Marina Tsvetáieva).

⁵² Mais um epíteto lendário de Moscou, a cidade que está assentada sobre “sete colinas”. Esta construção da fala popular, como também a das “quarenta vezes quarenta” igrejas moscovitas, tem relação com o mito de Moscou como Terceira Roma (tanto de Jerusalém como de Roma dizia-se estarem fundadas sobre sete colinas), herança ortodoxa de Bizâncio, que alimentou o imaginário sobre a Rússia como um destino espiritual. Tsvetáieva lançou mão desta simbologia, como da atmosfera religiosa de Moscou, com suas igrejas de cúpulas douradas repicando sinos, no ciclo poético *Versos sobre Moscou*, de 1916. Assim ela escreveu num poema dirigido à filha Ariadna, em nossa tradução poética:

[...]

Jejua, vigia — não penses
Em pintar as sobrancelhas —,
Às quarenta igrejas tu —
Veze quarenta — te inclina.
E sai por elas a correr com esta bênção —
Para sempre te pertençam
As sete colinas!

(TSVETÁIEVA, 1994, T. 1, p. 268)

[...]

Ты постом говей,
Не сурьми бровей
И все сорок — чтй —
Сороков церквей.
Исходи пешком — молодым шажком! —
Всё привольное
Семихолмие.

⁵³ Citação aproximada do poema *Moscou*, de Fiódor Glinka (1786-1880).

⁵⁴ Baseado no provérbio popular: *mátuchka-Moskvá, zolotáia golová*: “mãezinha-Moscou, de cabeça dourada”, referindo-se às cúpulas bulbosas de cor dourada das catedrais moscovitas.

⁵⁵ Campanário de Ivan o Grande, a mais alta torre do Krêmlin em Moscou. Aos pés dessa torre jaz *Tsar-Kólokol*, o maior sino já fundido no mundo (em 1737), pesando mais de 200 toneladas, e que nunca tocou em virtude de uma rachadura provocada pelo incêndio que consumiu Moscou naquele mesmo ano. Esse gigantismo é prova da importância que os russos depositavam nesse instrumento, o único permitido, além da voz, na liturgia ortodoxa, e de que cada uma das “quarenta vezes quarenta” igrejas estava bem munida. Da perspectiva de um estrangeiro,

Falamos de não sei que monastérios e igrejas.

— Você, camarada, se ofende quando ralham com os popes, a vida monástica louva. Nada digo contra isso: quem não pode com as gentes — se retire para o bosque. No mundo não vai sua alma salvar, e quarenta vezes quarenta as dos outros vai perder. Mas, francamente, é por isso, você acha, que existem os popes e monges? Para a pança eles existem, isso sim: a vida boa. Como nós, por exemplo, na requisição — por Deus! E o que tem Deus com isso?

— Deus tem nojo de ver essa santidade. Acabaria com seu mundo, se pudesse! Não, você com Deus não me amanse! Deus — é luz: dispensa toda sua treva. Nem por sua causa ele se nubla, nem você por causa dele se clareia. E não é que contra Deus eu me revolto, mas contra seus servos: as mãos infiéis! Quantos de Deus não se afastaram pela obra dessas mãos! E por acaso têm juízo? Olha, meu pai, por exemplo, — ele quando começou a repressão já percebeu: estão lançando a culpa sobre as costas do inocente. O pope, esse rabo de rato, apronta das suas, — e Deus é quem levam à força. Deus nada tem com o papo do pope. Vocês, vão dizer, é que são os culpados: se ao pope não respeitam, a si mesmo ele não pode respeitar. E que respeito? Esteja certa, senhorita, eu valho mais. Quem é o primeiro ladrão? — É o pope. Comilão? — É o pope. Fanfarrão? — É o pope. Quando então dá de beber — é que você é senhorita, seria indecente explicar...

— Bem, mas e os monges, eremitas?

— Sobre os monges não há que comentar, você mesma já sabe. Têm palavras de jejum, mas com a língua lambem dos lábios pensamentos gordurosos. Quebre dele o craniozinho: não há nada, só presuntos defumados e salgados, raparigas, e licores-frutuosos que vou te contar. E esta é a fé! A vida monástica! Os salvadores de almas!

o escritor inglês William John Birkbeck, que presenciou a festa de Páscoa em Moscou na década de 1880, anotou que “o bramido dos sinos sobre nossas cabeças, respondido pelos 1.600 sinos dos campanários iluminados de todas as igrejas de Moscou, canhões trovejando das colinas do Krêmlin sobre o rio, procissões de deslumbrantes vestimentas em ouro e cruzes, ícones e estandartes, saindo entre nuvens de incenso de todas as catedrais do Krêmlin e abrindo caminho devagar através da multidão, tudo se junta para produzir um efeito inesquecível para qualquer que haja presenciado.” (BIRKBECK *apud* MCVEY, 2009, p. 36) Usavam-se sinos também para o toque de alarme (*nabát*, como aparece adiante na passagem sobre a cidade submersa); nos momentos de pior crise eles soaram, anunciando incêndios, ataques, incitando rebeliões; mas em tempos de guerra os sinos eram enterrados, para que não caíssem em mãos inimigas e se fundissem em canhões e armamento. Não se pôde evitar esse destino depois de 1917. Certa manhã de 1918, ao entrar na igreja Boris e Gliéb, Tsvetáieva testemunhou o pároco anunciar aos fiéis: “Pois bem, irmãos, se essas terríveis notícias se confirmarem, tão logo eu souber, apenas mandarei que dobrem o sino e corram de casa em casa enviados-mensageiros, que informarão a todos vocês sobre o inaudito crime. Estejam prontos, irmãos! O inimigo vigia, vigiem também! Com o primeiro toque do sino, a qualquer hora do dia ou da noite — todos, todos para a igreja! De pé, irmãos, e peito erguido, para proteger o santuário! [...]” (TSVETÁIEVA, 1994, T. 4, p. 495) Não terá sido por acaso, portanto, que durante a Guerra Civil o governo soviético se valeu de uma série de resoluções anti-sinos, para regular o uso da “ferramenta contra-revolucionária”; mas foi principalmente na década de 1930 que se proibiu efetivamente o dobre de sinos nas principais cidades russas. A maioria deles acabou confiscada para a indústria metalúrgica. A ameaça de Levit, na discussão sobre Deus, de fundir monumentos com os sinos das igrejas, reflete uma situação real e que diz muito sobre o valor atribuído por Tsvetáieva a esse símbolo então; por exemplo, mais adiante em *Passe livre*, na história da cidade submersa em prata, ou nos seus *Versos sobre Moscou*, que ecoam nesse diálogo com o soldado-Rázin.

— Mas e na Bíblia, lembra? Por um único justo salvarei Sodoma?⁵⁶ Ou não leu?

— Eu mesmo, confesso, não li — eu de menino preferia caçar pombos, aprontar com a molecada. Mas meu pai — ele é um grande eclesiástico. (Animando-se): Abra-lhe essa mesma Bíblia — e dez páginas seguidas de olhos fechados ele dispara...

Mas você, camarada, quero ainda acabar o assunto dos monges. Veja as monjas, por exemplo. Por que é que as monjas todas me devoram com os olhos?

Eu, em pensamento: “Mas, pombinho, como não...”

Ele, inflamando-se:

— Se amarrotam, se contorcem, os olhos uns poços sem fundo. Mas de onde é que saem olhos assim? E depois disso vai virar religiosa? Se o sangue ferve — fique longe do convento, mas se entra para lá — os olhos baixe e tome tento!

Eu, involuntariamente baixando os olhos: “Um Rázin moralizador”. (Em voz alta):

— Melhor você me falar de seu pai.

Meu pai! Aí está um grande homem! Desses — que nos livros se escrevem: Marx, por exemplo, e os irmãos Graco. E quem é que já viu eles? Vai saber são estrangeiros eles todos: com nomes que travam a língua, e patronímico não têm. Três mil anos atrás — e depois de sete mares — por terras mais vinte — mais trinta confins — tão longe não é complicado ser grande. Mas quem sabe sejam só invencionices? Esse aí (um movimento para o Marx na parede)... o da juba desgrenhada — existiu realmente?

Eu, sem pestanejar: — Inventaram. Os próprios bolcheviques o inventaram. No regresso de Berlim⁵⁷ — sabe? O tiraram do cérebro, vestiram num casaco, a barba — a juba desgrenharam, e por todas as paredes o pregaram.

— Mas você, senhorita, é ousada.

— Como você.

(Ri).

... Mas você não queria contar de seu pai?

— Meu pai. Meu pai foi inspetor distrital da época tsarista (Eu, em pensamento: Como se à época tsarista inspecionasse!)... Um grande homem, repito. Corresse atrás dele com a pena dia e noite e a tudo anotasse. Não palavras ele solta: pedras-pesadas! Tudo: as tábuas da lei, os brasões reais e as estrelas da manhã... Ah é de dar arrepio, por Deus! À noite acende para si o samovar, coloca o óculos de chifre, o livrinho revira — e com as folhas vendavais e tempestades se levantam! (Baixa a voz)... Conhece todos os destinos. E todos os prazos. O que

⁵⁶ Cf. Gêneses 18. Deus anuncia a Abraão sua intenção de destruir a cidade pecadora de Sodoma, mas está disposto a poupá-la pelos poucos justos que nela habitarem.

é dado a cada um, e tudo a quem é reservado, de ninguém tem piedade. A derrocada do tsar ele previu. E se bem que o venerasse como a Deus. Agora diz: “Podem me cortar em pedaços, me comer vivo, este poder não fica em pé mais sete anos. Ele — é a serpente, e como a pele da serpente — cairá”... Está escrevendo um livro: “As lágrimas da Rússia”. Oito cadernos de papel quadriculado bem miúdo já encheu. Não mostra a ninguém, nem a mim. Só isso é que sei: “As lágrimas”. Trabalha cada noite até o canto dos galos.

=====

Dois São Jorge, resgatou o estandarte.

— O que você sentiu, ao resgatar o estandarte?

— Não senti coisa nenhuma. Se tem estandarte, — tem regimento; não tem estandarte, — não tem regimento!

Comprou num leilão uma casa em Klimatchi por 400 rublos. Roubou um banco em Odessa, — “os bolsos cheios de ouro!” Serviu no regimento do Príncipe Herdeiro.

— Ele sai do vagão: bonitinho, magrinho, e com aquela voz queixosa: “E para onde vou poder ir agora?” — “O automóvel nos espera, sua Alteza”. Muitos soldados choraram.

=====

Recito para ele meus poemas: ‘Ao Tsar na Páscoa’, ‘Cavalos puro-sangue’⁵⁸...

— E quem foi que escreveu isso? Não alguém da gente simples, hã? Mas que estrondo! Rolando que nem um trovão! — ... Beberagem — estábulos...⁵⁹ Que relho deve ter descido nele por estábulos assim! E, penso eu, — não foi por bem que escreveu, né? Mataram pai, mataram mãe, a seus irmãos, suas irmãs também mataram, e então — aí está, anotou! Vida boa não faz escrever desse jeito! Poderia, senhorita, copiar num papel estes versos sobre estábulos para eu guardar?

⁵⁷ O controverso retorno de Lênin, junto com outros proeminentes ideólogos bolcheviques, do exílio na Suíça para a Rússia, em abril de 1917, a bordo de um trem blindado alemão, no qual cruzaram o território inimigo sob escolta rumo à Petrogrado revolucionária.

⁵⁸ Poemas do livro (só publicado postumamente) *Acampamento de cisnes*. “Ao Tsar — na Páscoa” pode ser lido, em nossa tradução, na publicação da revista *Ponto Virgulina* de 16 de maio de 2017 e, com outros traduzidos do mesmo livro, na revista *Cadernos de Literatura Em Tradução*.

⁵⁹ *Poila — Stoila*: rimas do poema “Cavalos puro-sangue”, mencionado acima. Aqui Tsvetáieva ironiza o fato de que, nos dias da Revolução, as catedrais em Moscou viraram estábulos para cavalos, objetos de profanação ou depredação das mais variadas formas. O poema começa assim, em nossa tradução:

* * *

Atrelem os cavalos puro-sangue a carroças!
Os vinhos dos príncipes sorvam das poças!
Das baionetas são senhores e das almas!
Ora vendam — pelo peso — as capelas,
Monastérios — sob golpes — de martelos.
Irrompam a galope nos altares do abadágio!
Embebedam-se em sangrenta beberagem!
De estábulos — a catedrais! De catedrais — a estábulos!
Reduz-se o calendário a uma dúzia dos diabos! *
Por assim dizer “tsar”: vamos à tábua! [...]
(TSVETÁIEVA, 1994, T.1, p. 390)

* * *

Кровных коней запрягайте в дровни!
Графские вина пейте из луж!
Единодержцы штыков идуш!
Распродавайте — на вес — часовни,
Монастыри — с молотка — на слом.
Рвитесь на лошади в Божий дом!
Перепивайтесь кровавым пойлом!
Стойла — в соборы! Соборы — в стойла!
В чёртову дюжину — календарь!
Нас под рогожу за слово: царь! [...]

— Você seria pego.

— Eu?!! — De inspirada a cara fez-se rapineira. — Pego — eu? Está para nascer quem me pegue e me possa prender! E nascer ele ouse! Sim, eu tenho, senhorita, quatro relógios de ouro (Mãos nos bolsos!). Se quiser — pode conferir! E cada um marca uma hora diferente: um de Moscou, outro de Píter,⁶⁰ o terceiro — Riazán, e este aqui (com o punho bate sobre o coração) — marca a hora de Rázin!

— Quer que lhe diga uns versos sobre Stenka Rázin? Foi a mesma pessoa que escreveu. Escute:

*Do crepúsculo dourado o vento arreda,
Já a noite se aproxima — montanha de pedra,
E com sua princesa...*⁶¹

Recito como alguém que se afoga — ou melhor, como um peixe que em seu próprio mar engasga (um peixe falante... Hum... Aliás, nos contos existem).

Após sogras e casamenteiras, e painços e baldes de lixo, revólveres, Marxes, — esse raio (a voz) de encontro ao azul (de seus olhos). Uma vez que eu recito é para eles, — como fitam esses olhos! Por eles se vai aos azuis — do celeste.

Stenka Rázin!

=====

Stenka Rázin, não sou princesinha persa, em mim esta dupla perfídia não há: nem a Pérsia, nem deixar de te amar. Mas nem russa eu sou, Rázin, pré-russa, pré-tártara sou — a Rus que precede qualquer tempo — a teu encontro! Trigueiro Stepan, me escute, estepe: havia carroças e tendas, havia fogueiras e céus estrelados. Da carroça — você quer? — pelos furos da lona espiar — a maior das estrelas...

Mas:

— Senhorita, mais graúdas, se puder: eu em letra de mão não sei ler.

Infantil alegria de ver como surgem as letras (escrevo, é claro, em letra de forma).

— Dê... ême... Ah esse aqui é o *iát*,⁶² — que nem uma igreja com a cúpula em cima.

* Dúzia do diabo (em português diz-se *dúzia de frade*), isto é, a dúzia de treze dias que deviam se contados para corrigir as datas de acordo com o novo calendário gregoriano, adotado na Rússia em 1918.

⁶⁰ Ou seja, Petersburgo, na fala popular.

⁶¹ Os primeiros versos do poema em três partes *Stenka Rázin*, de março de 1917.

⁶² A reforma ortográfica russa de 1918 eliminou, entre outras, a letra *iát* (ѣ), predileta de Marina Tsvetáieva. Ela, talvez por não reconhecer a legitimidade do governo, negou-se terminantemente a suprimir a letra *iat* de sua escrita (e, ademais, da própria assinatura, posto que a grafia original de seu sobrenome é “Цвѣтѣева”). Agiu de igual maneira com as datas na transposição dos calendários. No curto período em que trabalhou no escritório da *Narkomnats*, o Comissariado popular para os assuntos das nacionalidades, em fins de 1918, quiseram convencê-la, mas Tsvetáieva anotou: “Preencho o papel cinza burocrático com as pérolas da minha caligrafia e as víboras do meu coração. Só o *iát* s alta à vista, contra-revolucionário, igual uma igreja com a sua cúpula: — *Iát!!!*”

— E você é campesino?

— Sub-urbano!

=====

E agora, senhorita, para você, por tudo o que fez, vou contar uma história — sobre uma cidade embaixo d'água.⁶³ Era ainda pequenino, nem oito anos eu tinha — e meu pai já me contava.

Nalgum lugar da terra russa, é o que dizem, tem um lago, e no fundo do lago — uma cidade embaixo d'água: com igrejas e com torres, — com mercados e celeiros (uma súbita risada). Só a torre de bombeiros — serviria para nada: quem afunda — não queima! Dizem que a cidade afundou por um caso notável. Os tártaros domavam nossa terra, cobravam impostos: ouro puro das cruces, prata pura dos sinos, sangue honesto e os dotes da carne. E, cidade após cidade, como espiga após espiga, se dobravam — com as chaves tilintando, para os tártaros as davam — os russos. Mas um príncipe houve que não se dobrou: “Não darei meu santuário! — Melhor, me condenem à morte! Não darei o que me é caro! — Braços e pernas me cortem!” Ele escuta: os exércitos vêm vindo, num grande tropel. Chama todos os sineiros da cidade, ordena que toquem com o máximo de força: para a desonra dos tártaros, para a glória de Deus. E como se esforçaram os sineiros! Pena que eu, tão jovem que sou, não estava... Como eles tocavam! Como os sinos repicaram! O ventre da terra — tremeu!

E jorraram dos repiques como rios de pura prata: e tanto mais prata jorrava quanto mais eles tocavam! Mas a terra não bebia, não podia tanta prata receber. E pela cidade — impossível andar, as casinhas com a água pelo teto, só o palácio do príncipe à tona. E em resposta às badaladas — outras tantas badaladas se seguiram: o exército infiel já cercava a cidade, agitando curvos sabres. O príncipe à torre mais alta trepou do palácio — a água batendo no peito — de cabeça descoberta, a prata dos sinos escorrendo dos cabelos. Ele vê: sob os portões a multidão! E esgoela, numa voz assustadora:

— Ei, senhores-sineiros!

Só que aquilo o que gritou ninguém ouviu! Nunca mais a cidade se viu!

Os tártaros romperam os portões — tudo quieto. Só uns poucos remoinhos soluçaram...

E assim foi que, em seu próprio repique, — a cidade foi a pique.

=====

(TSVETÁEIVA, 1994, T. 4, p. 462). Já na imprensa dos emigrados, onde por vários anos a reforma não teve aceitação, Tsvetáieva publicou, sem maiores pressões, seu nome com a *igrejinha-iát*. Mas nas edições posteriores de sua obra, como na que usamos para base destas traduções, o padrão ortográfico foi atualizado.

⁶³ Trata-se de uma adaptação da história sobre a lendária cidade de Kítej, que teria afundado no lago Svetloiar (na província de Níjni Nóvgorod) durante a conquista mongol (ou *tártara*) sobre os russos no século XIII, e cujos sinos ainda se ouviriam soar de sob as águas.

Stenka Rázin, não sou princesinha persa, mas darei a você uma peça — de prata — uma lembrança: meu anel.

Veja: a águia bicéfala, asas abertas, simplesmente: uma moeda do tsar — de dez copeques — num engaste prateado. Servirá na sua mão? Servirá. Pois eu não tenho mãos de dama. Mas você, Stepan, não sabe das mãos: nem a forma, nem as unhas, tampouco a estirpe. Das mãos você sabe: da palma (o calor) e dos dedos (o agarro). O aperto de mãos saberá entender.

Pegue o anel sem pensar: eram dez — restaram nove! A troco de quê? De nada — nunca — em troca.

Do meu anelar — ao mindinho de Rázin.

Mas a você não darei como dou para os outros, — menino travesso! Dê-me você uma “lembrança da época tsarista”. Tendas e fogueiras eu as tenho.

=====

— E tenho ainda comigo um livrinho sobre Moscou, pegue também. Não repare que é fininho — nele estão todos os sinos repicantes moscovitas!

(“Moscou”, edição da Biblioteca universal. Cronistas, estrangeiros, escritores e poetas sobre Moscou. Livro que dou de presente já pela quarta vez. — Um tesouro!)⁶⁴

=====

— Bem, quando for a Moscou — posso te visitar? Não perguntei nem o seu nome-patronímico.

Eu, em pensamento: “Para quê?!” (Em voz alta): — Me dê o livrinho, eu anoto.⁶⁵

=====

Depois no alpendre o acompanho, — até que os olhos, até que as almas...

=====

Amanhã nós partimos. Partimos, se conseguirmos subir no trem. Ameaçam com os postos de controle. E contudo, Kaplán (por consideração à sogra) promete fazer que viagem conosco os *nossos*.

=====

Visita de N pela manhã (pernoitou no vagão).

— Marina Ivánovna, enrole suas coisas — e vamos! Que foi que você com a sogra aprontaram? Aquele, da *tcherkeska* vermelha, está babando de raiva! Até meia-noite me ocupei dele. Menti que você está com Lênin e com Trótski, que enganou a todo mundo, que foi enviada numa missão secreta, o diabo sabe o que inventei! De outro modo não a teria salvado! É a contra-revolução, ele grita, a judeofobia, não pára de gritar, num mesmo berço se criou que os assassinos de Urítski! Foi a sogra, digo eu, que se criou (à sogra Kolka salvará!).

As duas, as duas, ele grita, — dois frutos de um mesmo balaio! Depois que falei sobre Trótski e Lênin acalmou-se um pouco até. Mas Kaplán para mim avisou — sem qualquer cerimônia:

— “Deem o fora daqui hoje mesmo, os nossos farão que embarquem. Para o dia de amanhã eu não garanto”. — E assim estão as coisas!

E fique sabendo, mais essa delícia: pela noite despertei — uma conversa. Aquele diabo — com outro. Os camponeses querem explodir o trem, está havendo uma vigília... Exatamente três aldeias... Olha só em que vespeiro nos metemos, Marina Ivánovna! Caímos na Khitrovka!⁶⁶ Eu mesmo arranco meus cabelos que deixei você sozinha aqui com eles! E sequer você compreende o que se passa: vão ser todos fuzilados!

Eu: — Enforcados. Inclusive eu escrevi no meu caderno.

Ele: — Não enforcados, mas fuzilados. Pelos mesmos soviéticos. Esperam aqui uma inspeção. Levit denunciou Kaplán, e Kaplán — a Levit. Agora é ver quem dá cabo de quem. E vai ser aquela limpa! Pois aqui é o principal ponto de armazenamento — compreende?

— Nem uma palavra. Mas temos que ir, isso é claro. E o filho da sogra?

— Vai com a gente, — como para se despedir da mãe. Não voltará. Bem, Marina Ivánovna, mãos à obra: juntar as coisas!

... E, pelo amor de Deus, nem mais uma palavra além da conta! Eu e Kolka fizemos a sogra passar por demente. Não vamos pôr tudo a perder à toa!

=====

Eu enrolo minhas coisas. Duas cestas: uma mole, redonda, outra quadrada, maligna, com ângulos de ferro e um feixe pesado por cima. Na primeira — a banha, o painço, as bonecas (já o âmbar eu, do jeito que vesti, não tirei mais), e na quadrada — o meio *pud* de N e minhas 10 libras. Nelas juntas, algo próximo a 2 *pud*. Pegue a peso, — se puder!

A patroa, ao saber que já vou, se apegas; eu, de saber que já vou, me descaro.

— Todos somos camarada, camarada, mas a gente cada um tem o seu nome. E você não me dirá como se chama?

— Tsiperovitch, Malvina Ivánovna.

(De toda a trindade se salvou só o Ivan, mas o Iván não trairá!)

— Imagine só, de modo algum não podia esperar. Muito, muito prazer.

— É o sobrenome do meu cônjuge, ele é ator em todos os teatros moscovitas.

⁶⁴ A edição “Moscou na história e na literatura”, organizada por Mikhail Kovaliensi em 1916 (e com a qual ela presenteará, novamente, Emeli Mindlin em 1921).

⁶⁵ Nunca mais voltei a vê-lo. (Nota de Marina Tsvetáieva).

⁶⁶ Khitróvka, bairro barra-pesada de Moscou, cujo nome se tornou sinônimo de enrascada. Precisamente para a praça Khitróvka afluíram, na segunda metade do século XIX, massas de camponeses recém-libertos da servidão, que iam procurar trabalho nas cidades.

— Ah, na ópera também?

— Sim, como não: pois é baixo. O primeiro depois de Chaliápin. (Refletindo):

... Mas também como tenor pode cantar.

— Ah, não me diga! De modo que, se eu e Ióssia vamos a Moscou...

— Ah, por favor, — para todos os teatros! Os bilhetes que quiserem! E canta no Krêmlin também.

— No Krêm...?!

— Sim, sim, em todas as festas do Krêmlin. (Com um ar de “intimidade”): Porque, você sabe, gente é gente em toda parte. A gente quer se distrair depois de um dia de trabalho. Todas essas execuções e fuzilamentos...

Ela: — Ah, mas é claro! De quem é a culpa? A pessoa não é vítima, tem que pensar em si mesma... E me diga, seu marido ganha muito?

Eu: — Em dinheiro — não, em mercadoria — sim. Pois no Krêmlin há depósitos. Na Catedral da Dormição — seda, na do Arcanjo⁶⁷ (inspirando-me): peles e brilhantes...

— A-ah! (Subitamente duvidando): — Mas então por que você, camarada, e com uma aparência assim, veio parar numa província tão inculta? E sai, com os próprios pés na lama, por aí a distribuir 10 caixinhas de fósforos?

Eu, disparando no ouvido como um tiro de canhão: — Missão secreta! (Um salto. Engole a seco e, recompondo-se):

— Então quer dizer que, pequena tratante, você afinal tem alguma coisinha, hã? Aquela tal reservazinha, hã?

Eu, com indulgência:

— Venha a Moscou, e cuidaremos do assunto. Impossível aqui, no ponto de requisição, onde todos vivem para os outros...

Ela:

— Oh, tem toda razão! — E arriscando-se: — E você não me deixaria seu endereço de lembrança, hã? Eu e Ióssia iremos sem falta, o quanto antes for possível...

Eu, com um ar protetor:

— Mas só ande depressa, essa mercadoria não está sobrando. Não que eu não tenha um montão, e no entanto...

Ela, afobada:

— E me fará por um precinho especial? Eu, majestosa: — Pelo meu.

(Com as tenazes mãozinhas aperta-me as mãos):

⁶⁷ A Catedral do Arcanjo Miguel em Moscou. Como a Catedral da Dormição, situa-se no Krêmlin, na Praça das Catedrais.

— Escreveria para mim seu endereçozinho?

Eu, ditando: — Moscou, largo da Força, — é a praça onde se executam os tsares — rua Brutus, travessa Trótski.

— Ah, quer dizer que já existe?

Eu: — É nova, acabaram de abrir. (Com um certo acanhamento): Só o prédio que não é lá muito bom: № 13, e o apartamento — imagine — também 13! Alguns inclusive o evitam.

Ela: — Ah, eu e Ióssia estamos acima dos preconceitos. E diga, é longe do centro?

— No próprio Centro: mais três passos — lá está o Soviete.

— Ah, que agradável...

A chegada da sogra põe fim às nossas gentilezas. Último segundo. Despedimo-nos.

— Se Ióssia soubesse! Ele vai ficar surpreso! Ele mesmo acompanharia a senhora. Imagine, conhecermos gente assim!

— Nos veremos, nos veremos.

— E eu mesma, Malvina Ivánovna, com todo prazer a acompanharia até a estação, mas para o jantar esperamos visitas, russos, — é preciso preparar *blinis* para sete pessoas. Ah, você não pode imaginar como estou farta de interesses tão mesquinhos.

Pronuncio palavras de agradecimento, respeitosamente, e aperto-lhe a mão, com um matiz de galanteio.

— Muito bem, e não esqueça, minha humilde residência, como eu mesma e meu marido, — estaremos sempre a seu dispor. Somente lembre de avisar, para esperarmos por vocês na estação.

Ela: — Oh, Ióssia mandará um telegrama de serviço.

=====

A sogra, ao ar livre:

— Marina Ivánovna, o que houve que você e ela assim se engraçaram? Não me diga que passou seu endereço para essa miserável!

— Como não! Praça do Diabo. Travessa dos Cornudos, busque o vento pelos campos! (Rimos)

=====

O caminho.

Rimos, mas não muito. A estação dista três verstas. A cesta quadrada golpeia nas pernas, sinto as mãos quase alcançarem os joelhos. Recuso a ajuda de N, — a pessoa sob os sacos mal se vê! Um camelo, três corcovas.

Vou — rangendo os dentes. Range o cesto igualmente — o da direita: odioso, a cada passo, seu rangido. Pesa cerca de 1 *pud*. Contanto que a alça não desprenda! (Oh, idiotismo: ir

atrás de farinha — com cestos! Farinha que rima somente com: sacos! Eis, nestes cestos, — toda a *intelligentsia* russa!). É preciso pensar em qualquer outra coisa, compreender que tudo isso — é um sonho. E como no sonho é tudo ao contrário, quer dizer que... Sim, mas o sonho tem suas surpresas: pode a alça desprender... junto com ela desprender a mão do braço.⁶⁸ Ou: no cesto em vez de farinha se descobrirá... não, pior que areia: as obras completas reunidas de Steklóv! E sequer direito tem de indignar-se: é um sonho. (Não será por isso que me indigno tão pouco com a Revolução?)

— Esperem, escutem! Meu saco rasgou!

Cestos em terra. Acorro ao chamado. E, no meio do caminho, sobre o saco, como sobre um cadáver, a casamenteira. Ergue o vermelho, terrível, como que esfolado rosto.

— Um alfinete, nem que seja pequenino, — você tem? Quantas agulhas já não quebrei, costurando para sua tia!

Pego-o, dou: um graúdo, viril, resistente. O saco escorre, socarrão, mas conseguimos estancar, quanto possível. A sogra suspira:

— E a agulha já estava com o fio, como a tivesse preparado de propósito! Meu coração o pressentia! (Para o saco): — Ah tu, patife, patife infiel! Ia me despedindo da ordinária, peguei sem olhar, distraída. Melhor que àquela ordinária eu tivesse, com essa mesma agulha, — arrancado seus olhos!

— Amanhã, amanhã, mamacha! — apressa Kolka — Agora é preciso pegarmos o trem!

Carregamos, partimos.

=====

...Existe um livro de criança: “No sonho tudo é possível”, e também Calderón disse: “A vida é um sonho”. E certo inglês encantador, não Beardsley, mas outro do tipo, teria uma máxima assim: “Eu me deito dormir tão somente à espera do sonho”. Isso é sobre aqueles sonhos que se quer, aqueles sonhos que se pede para ver. Portanto, sonho, me apareça! Me apareça, sonho, assim: aqueles postes telegráficos são guardas da *okhrana*,⁶⁹ — pela estrada nos escoltam. No cesto não tenho farinha, mas ouro (roubei-o *desses*). Levo-o para *aqueles*. Embaixo do ouro, no fundo do cesto, o plano com a posição de todas as tropas vermelhas. Há

⁶⁸ Jogo de palavras, já que em russo a palavra usada para designar alça, maçaneta, manivela, entre outros objetos de puxar, é *rúchka*, que ao pé da letra significa “mãozinha”.

⁶⁹ Palavra russa que significa segurança, guarda, defesa, chamava-se *okhrana*, por abreviação, o *Departamento de segurança* (*Okhránoie otdeliénie*), polícia secreta do regime tsarista. Criada no governo de Alexandre III com a finalidade de proteger a família imperial, a atuação da *okhrana* consistiu principalmente na espionagem e perseguição das organizações revolucionárias capazes de ameaçar a autocracia. A *okhrana* infiltrava nelas seus agentes para as desestabilizar e prender seus integrantes. Aqui o “sonho” de Tsvetáieva traz esse desejo, de ser ela mesma uma infiltrada no terreno inimigo, o qual conheceu tão de perto neste episódio em Tambóv. Na região do Don, ao sul, para onde ela imagina caminhar, está a principal falange do Exército Branco, em que combatia Serguei Efron, seu marido.

dez dias eu caminho, já estou perto do Don. Os postes telegráficos escoltam. Os postes telegráficos me levam para —

— Vamos, Marina Ivánovna, coragem! Falta só mais meia versta!

=====

Mas as mãos, realmente, alcançam os joelhos, a direita sobretudo. O suor jorra, faz as têmporas coçarem. O cabelo dos dois lados ensopado. Não enxugo: a mão, o ferrinho da cesta, contra a perna a pancada intermitente — tudo é uma coisa só. Destrance isso — é o fim. Mas pelo menos, uma vez que a dor não cessa, — outra vez não recomeça do começo.

=====

De um modo ou de outro — a estação.

=====

A estação.

A estação. Cinza e vagalhão. A terra como o céu nos quadros de batalha. Ao ver de longe me apavoro, me agarro ao companheiro pelo braço.

— O que é isso?!

N, com um riso: — É o povo, Marina Ivánovna, esperando pelo embarque.

Chegamos mais perto: colinas e vagas de sacos, nas lacunas há suspiros, xales, costas. Homens quase não se vê: o cotidiano da Revolução, como qualquer, pesa sobre as mulheres: outrora — gavelas, hoje — sacos. (O cotidiano é esse saco: furado. E mesmo assim nós carregamos).

Rotação desconfiada das cabeças para a nossa direção.

— As senhorias!

— Devoraram Moscou, agora vêm devorar a aldeia!

— Olhe, os bens dos camponeses saquearam! Eu — para N: — É melhor nos afastarmos!

Ele diz, com um risinho: — Deixa para lá, Marina Ivánovna, eles que falem! Eu congelo ao perceber: eles estão com a razão, a desrazão é toda minha.

=====

A plataforma está pulsando. Pisar — não há onde. A toda hora vão chegando mais e mais: um como o outro, uma como a outra: não gentes com sacos, — mas sacos nas gentes. (Eu penso, com raiva: aí está ele, o pão!) E como os mujiques distinguem as *babas*? Jaquetões, casacões... Rugas, peles de ovelha... Nem mujiques, nem babas: ursos; nem estes,

nem estas: *isto*.⁷⁰

=====

— Os últimos a chegar, os primeiros a subir.

— As senhorias até mesmo ao paraíso vão primeiro...

— Olhe, vão subir, e nós ficamos para trás...

— Há duas semanas passamos a noite ao relento esperando... U-u-u...

=====

O embarque.

O trem. — Ao mesmo tempo, como da terra brotassem, vêm os doze com fuzis.⁷¹ Os nossos! No último segundo eles chegaram a embarcar. O coração desaba: Rázin!

— O que foi, camarada, vá dizer que teve medo? Não é nada! Ao — em — barque!

Desesperançosamente, sequer eu me mexo. Não vagões — vagalhões. Ao encontro destas vagas, de humanos e de cargas, — urrando, gritando, implorando, xingando, — o vagalhão da plataforma.

— Esmagaram uma criança! A cri — ança! A cri...

O vagalhão ora deitado — se levanta. Horizontal pronto virou — impetuosa, enlouquecida vertical. Eles escalam. Ao encontro se arrastam, são jogados e se jogam para dentro.

— Eu — através de toda gente — para Rázin:

— E agora? E agora?

— Vai dar tempo, senhorita! Não se preo — cupe! Vamos dar um jeito neles!

Em resposta o rugir da multidão, um estralo no ar, a pancada nas costas, não sei onde nem o quê, os olhos saltam dos buracos, o impulso...

— E isso o que é, hã? Que chapim será isso? Baio — netas? Os bens dos camponeses saquearam e agora neles vivos vão pisa — ar?

— Para baixo, pessoal, e fim de papo! Vão respirar um ar livre!

Compreendo que embarquei e que o trem está em marcha. (E será todos? Olhar ao redor não se pode.) Pouco a pouco a consciência: eu de pé, e só há uma perna. A outra, “evidentemente”, também há, mas onde — não sei. Depois a encontro.

⁷⁰ Nesta construção, Tsvetáieva usa do gênero neutro *onó*, que responde ao pronome demonstrativo *eto*, em português, *isto*. Exprime assim a sensação de objetificação, ao ver as pessoas reduzidas a cargas, sacos, etc. Construção semelhante ela usa novamente a seguir, para descrever esta sensação, agora sobre si mesma, como a perda do corpo no trem abarrotado, ao dizer: “Eu sou só isto [*eto*] que se move. O corpo, em paralisia — é *isto* [*onó*].”

⁷¹ Evoca o poema *Os Doze*, de Aleksandr Blok.

Mas a tormenta de vozes aumenta.

— Não tem muito o que pensar. A baioneta os fez subir, e aos mujiques fez baixar! E veja só, se não estão de brincadeira, nós, faz dezessete dias que esperamos essa máquina como ao Reino Celeste... E esses!..

Consola-me só uma coisa: deste bolo se sacar uma pessoa é igual de uma garrafa a uma rolha se sacar sem saca-rolhas: impensável. Para me lançarem fora — algum outro terá de sair. E se alguém mais sair — todo vagão vai pelos ares. A exata sensação do limite de capacidade: mais além — não tem pra onde, e mais alguém é impossível.

Eu de pé, sob o balanço gradual da comprimida, conjunta respiração humana, para lá e para cá, como a vaga. Com o peito, com os lados, com os ombros, joelhos colados, — respiro de acordo. E da total fusão dos corpos — a completa sensação de que meu corpo se perdeu. Eu sou só isto que se move. O corpo, paralisado — é *isto*. E o vagão:⁷² paralisia compulsória.

— Senho — o — o — re — e — ess... U — u — u...

Mas... a perna: não a encontrei ainda! Inquietude (exasperada) pela perna, que absorve o pensamento. Uma perna — que havia... Basta apenas que a encontre... E, oh alegria: aparece! Algo dói nalgum lugar. Presto atenção. É ela, ela mesma: caríssima! Longe-longe, num profundo indefinido... A dor espeta, já não posso suportar, concentro um último esforço...

Um urro: — Que é que me estão metendo a bota na fuça?!

E o carvalho se arrancou pelas raízes: junto a mim, como coluna de fumaça (nem a meia, nem sapato não se vê) — a minha indispensável e irreprochável segunda perna.

=====

E — bruscamente a onda quebra na lembrança: algo escuro para o alto! e brilha! Ah, o braço erguido num adeus, com meu anel! Da estação de Úsman, na província de Tambóv, — a última saudação!

Moscou, setembro 1918

⁷² Aqui em vez de *vagón* Tsvetáieva emprega a palavra *teplúchka*, que vem de *tiepló*, “quente”: chamavam-se assim vagões de carga com aquecimento, adaptados para o transporte de pessoas.

Вольный проезд

Пречистенка, Институт Кавалерственной Дамы Чертовой, ныне Отдел Изобразительных Искусств.

Клянусь Стиксом, что живи я полтора ста лет назад, я непременно была бы Кавалерственной Дамой! (Нахожусь здесь за пропуском в Тамбовскую губ<ернию> “для изучения кустарных вышивок” — за пшеном. Вольный проезд (провоз) в 1 1/2 пуда.)

Дорога на ст<аницю> Усмань, Тамбовской губ<ернии>.

Посадка в Москве. В последнюю минуту — точно ад разверзся: лязг, визг. Я: “Что это?” Мужик, грубо: “Молчите! Молчите! Видно, еще не ездили!” Баба: “Помилуй нас. Господи!” Страх, как перед опричниками, весь вагон — как гроб. И, действительно, минуту спустя нас всех, несмотря на билеты и разрешения, выбрасывают. Оказывается, вагон понадобился красноармейцам.

В последнюю секунду N, его друг, теща и я, благодаря моей командировке, все-таки попадаем обратно.

Трагически начинаю уяснять себе, что едем мы на реквизиционный пункт и... почти что в роли реквизирующих. У тещи сын-красноармеец в реквизиционном отряде. Сулят всякие блага (до свиного сала включительно). Грозят всякими бедами (до смертоубийства включительно). Мужики озлоблены, бывает, что поджигают вагоны. Теща утешает:

— Уж, три раза ездила, — Бог миловал. И белой пуда-ами! А что мужики злобятся — понятное дело... Кто же своему добру враг? Ведь грабят, грабят вчистую! Я и то уж своему Кольке говорю: “Да побойся ты Бога! Ты сам-то, хотя и не из дворянской семьи, а все ж и достаток был, и почтенность. Как же это так — человека по миру пускать? Ну, захватил такую великую власть — ничего не говорю — пользуйся, владей на здоровье! Такая уж твоя звезда счастливая. Потому что, барышня, у каждого своя планида. Ах, Вы и не барышня? Ну, пропало мое дело! Я ведь и сватовством промышляю. Такого бы женишка просватала! А муж-то где? Без вести? И детей двое? Плохо, плохо!

Так я сыну-то: “Бери за полцены, чтоб и тебе не досадно, и ему не обидно. А то что ж это, вроде разбоя на большой дороге. Пра-аво! Оно, барышня, понятно... (что это я все “барышня”, — положение-то ваше хуже вдовьего! Ни мужу не жена, ни другу не княжна!)... оно, барынька, понятно: парень молодой, время малиновое, когда и тешиться, коли не сейчас? Не возьмет он этого в толк, что в лоск обирать — себя разорять! И корову доить — разум надо. Жми да не выжимай. Да-а...

А уж почет-то мне там у него на пункте — ей-Богу, что вдовствующей Императрице какой! Один того несет, другой того гребет. Колька-то мой с начальником отряда хорош, одноклассники, оба из реалки из четвертого класса вышли: Колька — в контору, а тот просто загулял. Товарищи, значит. А вот перемена-то эта сделалась, со дна всплыл, пузырек вверх пошел. И Кольку моего к себе вытребовал. Сахару-то! Сала-то! Яиц! В молоке — только что не купаются! Четвертый раз езжу”.

Из вагонных разговоров:

— И будет это так идти, пока не останется: из тысячи — Муж, из тьмы — Жена.

А есть, товарищи, в Москве церковь — “Великаго Совета Ангел”.

Ночной спор о Боге. Ненависть солдат к иконам и любовь к Богу, — “Зачем доску целовать? Коли хочешь молиться, молись один!”

Солдат — офицеру (типа бывшего лицеиста, пробор, картавит): “А Вы, товарищ, какой веры придерживаетесь?”

Из темноты — ответ: “Я спирт социалистической партии”.

Станция Усмань. 12-й час ночи.

Приезд. Чайная. Ломящиеся столы. Наганы, пулеметные ленты, сплошная кожаная упряжь. Веселы, угощают. Мы, чествуемые, все без сапог, — идя со станции чуть не потонули. Для тещи, впрочем, нашлись хозяйкины полусапожки.

Хозяйки: две ехидных перепуганных старухи. Раболепство и ненависть. Одна из них — мне: “Вы что же — ихняя знакомка будете?” (Подмигивая на тещина сына). Сын: чичиковское лицо, васильковые свиные прорези глаз. Кожу под волосами чувствуешь ярко-розовой. Смесь голландского сыра и ветчины. С матерью нагло-церемонен: “Мамаша”... “Вы” — и: “Ну вас совсем — ко всем!”...

Я, слава Богу, незаметна. Теща, представляя, смутно оговорила: “с их родными еще в прежние времена знакомство водила”... (Оказывается, она лет пятнадцать назад шила на жену моего дяди. “Собственная мастерская была... Четырех мастериц держала... Все честь честью... Да вот — муж подкузьмил: умер!”). Словом, меня нет, — я: *при*...

Напившись-наевшись, наши два спутника, вместе с другими, уходят спать в вагон. Мы с тещей (тещей она приходится приятелю N, собственно и сбившего меня на эту поездку) — мы с тещей укладываемся на полу: она на хозяйкиных подушках и перинах, я просто.

Просыпаюсь от сильного удара. Голос свахи: “Что такое?” — Второй сапог. — Вскиваю. Полная тьма. Все усиливающийся топот ног, хохот, ругань. Звонкий голос из темноты: “Не беспокойтесь, мамаша, это реквизиционный отряд с обыском пришел!”

Чирканье спички.

Крики, плач, звон золота, простоволосые старухи, вспоротые перины, штыки... Рыщут всюду.

— Да за иконами-то хорошенько! За святыми-то! Боги золото тоже любят-то!

— Да мы... Да нешто у нас... Сынок! Отец! Отцом будь!

— Молчать, старая стерва!

Пляшет огарок. Огромные — на стене — тени красноармейцев.

(Оказывается, хозяйки чайной давно были на примете. Сын только ждал приезда матери: нечто вроде маневров флота или парада войск в честь Вдовствующей Императрицы.)

Обыск длится до свету: который раз ни просыпаюсь — все то же. Утром, садясь за чай, трезвая мысль: “А могут отравить. Очень просто. Подсыпят чего-нибудь в чай, и дело с концом. Что им терять? “Царские” взяты — все потеряно. А расстреляют — все равно помирать!”

И, окончательно убедившись, пью.

В то же утро съезжаем. Мысль эта пришла не мне одной.

Опричники: еврей со слитком золота на шее, еврей — семьянин (“если есть Бог, он мне не мешает, если нет — тоже не мешает”), “грузин” с Триумфальной площади, в красной черкеске, за гривенник зарежет мать.

Мои два спутника уехали в бывшее имение кн. Вяземского: пруды, сады... (Знаменитая, по зверскости, расправа).

Уехали — не взяли. Остаюсь одна с тещей и с собственной душой. Не помогут ни та, ни другая. Первая уже остывает ко мне, вторая (во мне) уже закипает.

С чайником за кипятком на станцию. Двенадцатилетний, одного из реквизирующих офицеров, “адъютант”. Круглое лицо, голубые дерзкие глаза, на белых, бараном, кудрях — лихо заломленная фуражка. Смесь амура и хама.

Хозяйка (жена того опричника со слитком) — маленькая (мизгирь!) наичернящая евреечка, “обожаящая” золотые вещи и шелковые материи.

— Это у вас платиновые кольца?

— Нет, серебряные.

— Так зачем же вы носите?

— Люблю.

— А золотых у вас нет?

— Нет, есть, но я вообще не люблю золота: грубо, явно...

Ах, что вы говорите! Золото, это ведь самый благородный металл. Всякая война, мне Иося говорил, ведется из-за золота.

(Я, мысленно: “Как и всякая революция!”)

— А позвольте узнать, ваши золотые вещи с вами? Может быть, уступите что-нибудь? О, вы не волнуйтесь, я Иосе не передам, это будет маленькое женское дело между нами! Наш маленький секрет! (Блудливо хихикает). — Мы могли бы устроить в некотором роде Austausch [Обмен (нем.)]. (Понижая голос): — Ведь у меня хорошенькие запасы... Я Иосе тоже не всегда говорю!.. Если вам нужно свиное сало, например, — можно свиное сало, если совсем белую муку — можно совсем белую муку.

Я, робко:

— Но у меня ничего с собой нет. Две пустых корзинки для пшена... И десять аршин розового ситцу...

Она, почти дерзко:

— А где же вы свои золотые вещи оставили? Разве можно золотые вещи оставлять, а самой уезжать?..

Я, раздельно:

— Я не только золотые вещи оставила, но... *детей!*

Она, рассмешенная:

— Ах! ??! ??! Какая вы забавная! Да разве дети, это такой товар? Все теперь своих детей оставляют, пристраивают. Какие же дети, когда кушать нечего? (Сентенциозно): — Для детей есть приюты. Дети, это собственность нашей социалистической Коммуны...

(Я, мысленно: “Как и наши золотые кольца”...)

Убедившись в моей золотой несостоятельности, захлебываясь, рассказывает. Раньше — владелица трикотажной мастерской в “Петрограде”.

— Ах, у нас была квартира! Конфетка, а не квартира! Три комнаты и кухня, и еще чуланчик для прислуги. Я никогда не позволяла служанке спать в кухне, — это нечистоплотно, могут волосы упасть в кастрюлю. Одна комнатка была спальня, другая столовая, а третья, небесного цвета — приемная. У меня ведь были очень важные заказчицы, я весь лучший Петроград своими жакетками одевала... О, мы очень хорошо зарабатывали, каждое воскресенье принимали гостей: и вино, и лучшие продукты, и цветы... У Иоси был целый

курильный прибор: такой столик филигранной работы, кавказский, со всякими трубками, и штучками, и пепельницами, и спичечницами... По случаю у одного фабриканта купили... И в карты у нас играли, уверяю вас, на совсем не шуточные суммы...

И все это пришлось оставить: обстановку мы распродали, кое-что припрятали... Конечно, Иося прав, народ не может больше томиться в оковах буржуазии, но все-таки, имев такую квартиру...

— Но что же вы здесь делаете, когда дождь, когда все ваши на реквизиции? Читаете?

— Да-а...

— А что вы читаете?

— “Капитал” Маркса, мне муж романов не дает.

С<танция> Усмань Тамбовской губ<ернии>, где я никогда не была и не буду. Тридцать верст пешком по стриженному полю, чтобы выменять ситец (розовый) на крупу.

Крестьяне.

Шестьдесят изб — одна порубка: “Нет, нет, ничего нету, и продавать — не продаем и менять — не меняем. Что было — то товарищи отобрали. Дай Бог самим живу остаться”.

— Да я же не даром беру и не советскими платить буду. У меня спички, мыло, ситец...

Ситец! Магическое слово! Первая (после змея!) страсть праматери Евы! Загорание глаз, прояснение лбов, тяготение рук. Даже прабабки не отстают, брызги беззубых уст: “ситчику бы! на саван!”

И вот я, в удушающем кольце: бабок, прабабок, девок, молодок, подружек, внучек, на коленях перед корзинкой — роюсь. Корзинка крохотная, — я вся налицо.

— А мыло духовитое? А простого не будет? А спички почем? А ситец-то ноский будет? Манька, а Манька, тебе бы на кофту! А сколько аршин говоришь? Де-сять! И восьми-то нету!

Щупанье, нюханье, дерганье, глаженье, того и гляди — на зуб возьмут.

И вдруг, одна прорывается:

— Цвет-то! Цвет-то! Аккурат как Катька на прошлой неделе на юбку брала. Тоже одна из Москвы продавала. Ластик — а как шелк! Таковыми сборочками складными... Маманька, а маманька, взять, что ль? Почем, купчиха, за аршин кладешь?

— Я на деньги не продаю.

— Не продае-ешь? Как ж эт так — не продаешь?

— А так, вы же сами знаете, что деньги ничего не стоят.

— Да рази мы знаем? Наша жизнь темная. Вот тоже одна приезжая рассказывала: будто в Москве-то у вас даже очень хорошо идут.

— Поезжайте — увидите.

(Молчание. Косвенные взгляды на ситец. Вздохи).

— Чего ж тебе надо-то?

— Пшена, сала.

— Са-ала? Нет, сала у нас не будет. Какое у нас сало! Сами все всухомятку жрем. Вот медку не хочешь ли?

(Молниеносное видение себя, залитой протекшим медом, и от этого видения — почти гнев!)

— Нет, я хочу сала — или пшена.

— А почему, коли пшеном, за ситец кладешь-то? (Кстати, вовсе не ситец, а кровный редкостный карточный розовый ластик).

Я, сразу робея: 1/2 пуда (Учили — три!)

— Пол-пу-уда? Такой и цены нет. Что ж ситец-то у тебя шелковый, что ли? Только и красоты, что цвет. Посмотри, как выстирается, весь водой сойдет.

— Сколько же *вы* даете?

— Твой товар — твоя цена.

— Я же сказала: полпуда.

Отлив. Шепота...

Разглядываю избу: все коричневое, точно бронзовое: потолки, полы, лавки, котлы, столы. Ничего лишнего, все вечное. Скамьи точно в стену вросли, вернее — точно из них выросли. А ведь и лица в лад: коричневые! И янтарь нашейный! И сами шеи! И на всей этой коричневице — последняя синь позднего бабьего лета. (Жестокое слово!)

Шепота затягиваются, терпение натягивается — и лопается. Встаю — и, сухо:

— Что ж, берете или не берете?

— Вот, коли деньгами бы — тогда б еще можно. А то сама посуди, какой наш достаток?

Сгребаю свой (три куска мыла, пачка спичек, десять аршин сатину), затыкаю палочкой корзинку.

В дверях: “Счастливо!”

Двадцать шагов. Босые ноги вдогон.

— Купчиха, а купчиха?

Не останавливаясь:

— Ну?

— Хочешь семь хвунтов?

— Нет.

И дальше, пропустив от ярости пять изб, — в шестую.

Бывает и по-другому: сговорились, отсыпано, выложено и — в последнюю секунду: “А Бог тебя знает, откуда ты. Еще беды с тобой наживешь! И волоса стриженные... Иди себе подобру да поздорову... И ситца твоего не нужно”...

А бывает и так еще:

— Ты, вишь, московка, невнятная тебе наша жизнь. Думаешь, нам все даром дается? Да вот это-то пшано, что оно на нас — дождем с неба падает? Поживи в деревне, поработай нашу работу, тогда узнаешь. Вы, москвичи, счастливее, вам все от начальства идет. Ситец-то, чай, тоже даровой?

...Подари-ка нам коробок спиц, чтобы чем тебя, пришлую, помянуть было.

И даю, конечно. Из высокомерия, из брезгливости, так, как Христос не велел давать: прямой дорогой в ад — даю!

За возглас: “курочки ня нясутся!” готова передушить не только всех их кур, но их самих — всех! — до десятого колена. (Другого ответа не слышу).

Базар. Юбки — поросята — тыквы — петухи. Примиряющая и очаровывающая красота женских лиц. Все черноглазые и все в ожерельях.

Покупаю три деревянных игрушечных бабы, вцепляюсь в какую-то живую бабу, торгую у нее нашей темный, колесами, янтарь, и ухожу с ней с базару — ни с чем. Дорогой узнаю, что она “на Казанской погуляла с солдатом” — и вот... Ждет, конечно. Как вся Россия, впрочем.

Дома. Возмущение хозяйки янтарем. Мое одиночество. На станцию за кипятком, девки: — “Барышня янтарь надела! Страм-то! Страм!”

Мытье пола у хамки.

— Еще лужу подотрите! Повесьте шляпку! Да вы не так! По половицам надо! Разве в Москве у вас другая манера? А я, знаете, совсем не могу мыть пола, — знаете: поясница болит! Вы наверное с детства привыкли?

Молча глотаю слезы.

Вечером из-под меня выдергивают стул, ем *свои* два яйца без хлеба (на реквизиционном пункте, в Тамбовской губ<ернии>!)

Пишу при луне (черная тень от карандаша и руки). Вокруг луны *огромный* круг. Пыхтит паровоз. Ветви. Ветер.

Господа! Все мои друзья в Москве и везде! Вы слишком думаете о своей жизни! У вас нет времени подумать о моей, — а стоило бы.

Теща: бывшая портниха, разудалая речистая замоскворецкая сваха (“муж подкузьмил — умер!”). Хам, коммунист с золотым слитком на шее; мешчанка-евреечка, бывшая владелица трикотажной мастерской; шайка воров в черкесах; подозрительные угрюмые мужики, *чужой* хлеб (продавать *здесь* на деньги — не хватит и коммунистической совести!)

Всячески пария: для хамки — “бедная” (грошовые чулки, нет бриллиантов), для хама — “буржуйка”, для тещи — “бывшие люди”, для красноармейцев — гордая стриженная барышня. Годнее всех (на 1000 верст отдаления!) бабы, с которыми у меня одинаковое пристрастие к янтарю и пестрым юбкам — и одинаковая доброта: как колыбель.

“Господи! Убить того до смерти — у кого есть сахар и сало!” (Местная поговорка).

“Не было смирнее нашего города!” (Рассказ мужика по дороге в Усмань. — Не о всей ли России?)

Сегодня опричники для топки сломали телеграфный столб.

Хозяйка за чем-то наклоняется. Из-за пазухи выпадает стопка золота, золотые со звоном раскатываются по комнате.

Присутствующие, было — опутив, быстро отводят глаза.

С утра — на разбой. — “Ты, жена, сиди дома, вари кашу, а я к ней маслица привезу!...” — Как в сказке. — Часа в четыре сходятся. У наших Капланов нечто вроде столовой. (Хозяйка: “И им удобно, и нам с Иосей полезно”. “Продукты” — вольные, обеды — платные.) Вина что-то незаметно. Сало, золото, сукно, сукно, сало, золото. Приходят усталые: красные, бледные, потные, злые. Мы с хозяйкой мигом бросаемся накрывать. Суп с петухом, каша, блины, яичница. Едят сначала молча. Под лаской сала и масла лбы разглаживаются, глаза увлажняются. После грабежа — дележ: впечатлениями. (Вещественный дележ производится на месте.) Купцы, попы, деревенские кулаки... У того столько-то холста... У того кадушка топленого... У того царскими тысячу... А иной раз — просто петуха...

Рузман (семьянин) добродушен. Обнаруживая какой-нибудь запретный (запрятанный) плод, вроде куля муки, сам первый сочувствует:

— Ай-ай-ай! И семейство большое! Нельзя же, в самом деле, семь собственных детей, жену, бабушку и дедушку одним чистым воздухом питать!

Есть в нем и ценитель: так, хитро-скрытое и долго-сопротивлявшееся вызывает в нем любованье.

— Такой плут этот Микишкин, такой плут! Ему бы только ликвидацией банков заведовать! И куда он это, вы думаете, он свои николаевские забальзамировал?!

Полегонечку (восьмой день!) вхожу, вживаюсь, уже делю (лирически!) триумфы и беды, уже хозяйка, обеспокоенная долгим отсутствием мужа — мне: “Что же это наш Иося нам изменяет?”

Я по самой середине сказки, mitten drinnen [Изнутри (нем.)]. Разбойник, разбойникова жена — и я, разбойниковой жены — служанка. Конечно, может статья — выхвачу топор... А скорей всего, благополучно растряса свои 18 ф<унтов> пшена по 80-ти заградительным отрядам, весело ворвусь в свою борисоглебскую кухню и тут же — без отдыши — выдышусь стихом!

Зовут на реквизицию. (Так герцоги, в былые времена, приглашали на охоту!)

— Бросьте вы свои спички!.. (Сколько у вас осталось коробочек? Как — целых три даром отдали? Ах, ах, ах, какая непрактичная!) Едемте с нами, без спичек целый вагон муки привезете. Вам своими руками ничего делать не придется — даю вам честное слово коммуниста: даже самым маленьким пальчиком не пошевелинете!

И хозяйка, ревниво (не ко мне, конечно, а к мыслимым “продуктам”).

— Ах, Иося, разве это возможно! Кто же мне завтра посуду будет мыть, когда я на базар пойду за дрожжами!

(Единственный, в этой семье, покупной “продукт”).

Сколько перемытой посуды и уже дважды вымытый пол! Чувство, что я определенно обращена в рабство. Негодная теща, в тон хозяйке, третирует. От моих вероломных Тезеев (хорош — Наксос!) вот уже вторая неделя — ни слуху, ни духу.

У меня пока: 18 ф<унтов> пшена, 10 ф<унтов> муки, 3 ф<унта> свиного сала, янтарь и три куклы для Али. Грозят заградительными отрядами.

Разрываюсь от смеха и гнева. Вечер проходил как всегда. Входили, выходили, пощучивали, покуривали, обдумывали завтрашние набег, подытоживали нынешние. Словом: мир. И вдруг: гром: Бог! Кто начал — не помню. Помню только свой голос:

— Господа, если его нет — за что же вы его так ненавидите?

— А кто вам сказал, что мы Господа Бога ненавидим?

— Или вы его слишком любите: вы неустанно о нем говорите.

— Говорим, потому, что многие в эти пустяки еще верят.

— Я первая! Дурой родилась, дурой помру. (Это теща прорвалась).

Левит, снисходительно:

— Вы, мадам, это вполне объяснимое явление, все наши мамы и папы веровали, но вот (пожатие плечей в мою сторону)... что товарищ в таком молодом возрасте и еще имел возможность пользоваться всеми культурными благами столицы...

Теща:

— Ну что ж, что из столицы? Вы думаете, у нас в Москве все нехристи, что ль? Да у нас в Москве церковей одних сорок сороков, да монастырей, да...

Левит:

— Это пережитки буржуазного строя. Ваши колокола мы перельем на памятники. Я: — Марксу.

Острый взгляд: — Вот именно.

Я: — И убиенному Урицкому. Я, кстати, знала его убийцу.

(Подскок, — Выдерживаю паузу).

...Как же, — вместе в песок играли: Каннегиссер Леонид.

— Поздравляю вас, товарищ, с такими играми!

Я, досказывая: — Еврей.

Левит, вскипая: — Ну, это к делу не относится!

Теща, не поняв: — Кого жида убили?

Я: — Урицкого, начальника петербургской Чрезвычайки.

Теща: — И-ишь. А что, он тоже из жидов был?

Я: — Еврей. Из хорошей семьи.

Теща: — Ну, значит свои повздорили. Впрочем, это между жидами редкость, у них это, наоборот, один другого покрывает, кум обжегся — сват дуется, ей-Богу!

Левит, ко мне: — Ну и что же, товарищ, дальше?

Я: — А дальше покушение на Ленина. Тоже еврейка (обращаясь к хозяину, любезно). — Ваша однофамилица: Каплан.

Левит, перехватывая ответ Каплана: — И что же вы этим хотите доказать?

Я: — Что евреи, как русские, разные бывают.

Левит, вскакивая: — Я, товарищ, не понимаю: или я не своими ушами слышу, или ваш язык не то произносит. Вы сейчас находитесь на реквизиционном пункте, станция Усмань, у действительного члена Р. К. П., товарища Каплана.

Я: — Под портретом Маркса...

Левит: — И тем не менее вы...

Я: — И тем не менее я. Отчего же не обменяться мнениями?

Кто-то из солдат: — А это правильно товарищ говорит. Какая ж свобода слова, если ты и икнуть по-своему не смеешь! И ничего товарищ особенного не заявляли: только, что жид жида уложил, это мы и без того знаем.

Левит: — Товарищ Кузнецов, прошу вас взять свое оскорбление обратно!

Кузнецов: — Какое такое оскорбление?

Левит: — Вы изволили выразиться про идейную жертву — жид?!

Кузнецов: — Да вы, товарищ, потише, я сам член К<оммунисти>ческой партии, а что я жид сказал — у меня привычка такая!

Теща — Левиту: — Да что ж это вы, голубчик, всхорохорились? Подумаешь — “жид”. Да у нас вся Москва жидом выражается, — и никакие ваши декреты запретные не помогут! Потому и жид, что Христа распял!

— Хрисс — та — а?!!

Как хлыст полоснул. Как хлыстом полоснул. Как хлыстом полоснули. Всакивает. Ноздри горбатого носа пляшут.

— Так вы вот каких убеждений. Мадам? Так вы вот за какими продуктами по губерниям ездите — Это и к вам, товарищ, относится! — Пропаганду вести? Погромы подстраивать? Советскую власть раскачивать? Да я вас!.. Да я вас в одну сотую долю секунды...

— И не испугалась! А сын-то у меня на что ж? Самый что ни на есть большевик, почище вас будет. Ишь — расходился! Вот только змеем шипеть! Пятьдесят лет живу, — такого страма...

Хозяйка: — Мадам! Мадам! Успокойтесь! Товарищ Левит пошутил, товарищ всегда так шутит! Да вы сами посудите...

Сваха, отмахиваясь: — И судить не хочу, и шутить не хочу. Надоела мне ваша новая жизнь! Был Николаша — были у нас хлеб да каша [“Пришли большевики — Не стало ни хлеба, ни муки”, — московская поговорка 18 г. (примеч. М. Цветаевой).], а теперь за кашей за этой — прости Господи! — как пес язык высуня 30 верст по грязи отмахиваем...

Кто-то из солдат: — Николаша да каша? Эх вы, мамаша!.. А не пора ли нам ребята, по домам? Завтра чем свет в Ипатовку надо.

Вернулись Н и зять. Привезли муки, веселые. И на мою долю полпуда. Завтра едем. Едем, если сядем.

Стенька Разин. Два Георгия. Лицо круглое, лукавое, веснушчатое: Есенин, но без мелкости. Только что, вместе с другими молодцами, вернулся с реквизиции. Вижу его в первый раз.

— Разин! — Не я сказала: сердце вызвонило! (Сердце! Колокол! Только вот звонарей нет!)

Оговорюсь: *мой* Разин (песенный) белокур, — с рыжевой белокур. (Кстати, глупое упразднение буквы д: белокудр, белые кудри: и буйно и бело. А белокур — что? Белые куры?

Какое-то бесхвостое слово!) Пугачев черен, Разин бел. Да и слово само: Степан! Сено, солома, степь. Разве черные Степаны бывают? А: Ра — зин! Заря, разлив, — рази, Разин! Где просторно, там не черно. Чернота — гуща.

Разин — до бороды, но уже с тысячей персияночек! И сразу рванулся ко мне, взликовал [Вся встреча, кроме первых нескольких слов, наедине (примеч. М. Цветаевой).]:

— Из Москвы, товарищ? Как же, как же, Москву знаю! С самых этих семи холмов Москву озирал! Еще махонький был, стих проМоскву учил:

Город славный, город древний,
Ты вместил в свои концы
И посадки, и деревни,
И палаты, и дворцы...

Москва — всем городам мать. С Москвы все и пошло — царство-то.

Я: — Москвой и кончилось.

Он, сообразив и рассмеявшись: — Это вы верно заметили.

Эх, Москва, Москва, Москва,
Золотая голова,
Запро — па — ща — я!

Пасху аккуратно в Москве встречал. Как загудел это Иван-Великий-Колокол — да вот-то ему — да кажинная на свой голос-то — да врозь, да в лад, да в лоб, да в тыл — уж и незнаю: чугун ли гудит, во мне ли гудет. Как в уме порешился. — ей-Богу! Никогда мне того не забыть.

Говорим что-то о церквах, о монастырях.

— Вы вот, товарищ, обижаетесь, когда на попов ругаются, монашескую жизнь восхваляете. Я против того ничего не говорю: не можешь с людьми — иди в леса. На миру души не спасешь, сорок сороков чужих загубишь. Только, по совести, разве в попы да в монахи затем идут? За брюхом своим идут, за жизнью сладкой. Вроде как мы, к примеру, на реквизицию, — ей-Богу! А Бог-то при чем? Бога-то, на святость ту глядя, с души воротит. Изничтожил бы он свой мир, кабы мог! Нет, ты мне Богом не заслоняйся! Бог — свет: всю твою черноту пропускает. Ни он от тебя черней, ни ты от него не белей. И не против Бога я, товарищ, восстаю, а против слуг его: рук неверных! Сколько через эти руки от него народу отпало! Да разве у всех рассудок есть? Вот, хотя бы отец мой, к примеру, — как началось это гонение, он сразу рассудил: с больной головы да на здоровую велят. Поп, крысий хвост, нашкодил — Бога вешать ведут. Не ответствен Бог за поповский зоб! И сами, говорит, премного виноваты: попа не чтили, вот он и сам себя чтить перестал. А как его чтить-то? Я, барышня, ихнего брата в точности превзошел. Кто первый вор? — Поп. Обжора? — Поп.

Гулена? — Поп. А напьется, — только вот разве — барышни вы, объяснить-то вам неприлично...

— Ну а монахи, отшельники?

— А про монахов и говорить нечего, чай, сами знаете. Слова постные, а языком с губ скоромную мысль облизывают. Раскрой ему черепушку: ничего, кроме копченых там да соленых, да девок, да наливок-вишневок не удостоверишь. Вот и вера вся! Монашеское житие! Души спасение!

— А в Библии, помните? Из-за одного праведника Содом спасу? Или не читали?

— Да сам, признаться, не читал, — все больше я в младости голубей гонял, с ребятами озоровал. А вот отец у меня — великий церковник. (Вдохновляясь): Где эту самую Библию ни открой — так тебе десять страниц подряд слепыми глазами и шпарит...

А я вот еще вам хотел, товарищ, про монахов досказать. Монашки, к примеру. Почему на меня каждая монашка глазами завидует?

Я, мысленно: “Да как же на тебя, голубчик, *не...*”

Он, разгораясь:

— Жметя, мнетя, глаза как колодцы. Да куда ж ты меня этими глазами тянешь-то? Да какая ж ты после этого моленная? Кровь озорная — в монастырь не иди, а моленная — глаза вниз держи!

Я, невольно опуская глаза: “Морализирующий Разин”. (Вслух):

— Вы мне лучше про отцарасскажите.

— О-тец! Отец у меня — великий человек! Что там — в книжках пишут: Маркс, например, и Гракхи-братья. Кто их видел-то? Небось, все иностранцы: имя — язык занозишь, а отечества нету. Три тыщи лет назад — да за семью за синими морями — тридевять земель пройдешь — в тридесатой, — это не хитро великим быть! А может так, выдумки одни? Этот-то (взмах на стенного Маркса)... гривач косматый — вправду был?

Я, не сморгнув: — Выдумали. Сами большевики и выдумали. По дороге из Берлина — знаете? Вымозговали, пиджак надели, бороду — гриву распушили, по всем заборам расклеили.

— А вы, барышня, смелая будете.

— Как и вы.

(Смеется).

...Но вы мне про отца рассказать хотели?

— Отец. Отец мой — околodочный надзиратель царского времени (Я, мысленно: точно за царским временем надзирает!)... Великий, я вам повторю, человек. Так бы за ним ходил с перышком круглые сутки и все бы записывал. Не слова роняет: камни-тяжеловесы! Все: скрижали, да державы, да денницы... Аж мороз по коже, ей-Богу! Раздует себе ночью самоварчик, оденет очки роговые, книжицу свою разворотит — и ну листьями бури-ветры подымать! (Понижая голос) ...*Все* судьбы знает. *Все* сроки. Все кому что положено, кому что

заказано, никого не помирует. И царское крушение предсказал. Даром, что царя-то вровень с Богом чтит. И сейчас говорит: “Хоть режьте, хоть живьем ешьте, а не держаться этой власти боле семи годов. Змей — она, змеиной кожей и свалится”... Книгу пишет: “Слезы России”. Восемь тетрадей клеенчатых в мелкую клетку исписал. Никому не показывает, ни мне даже... Только вот знаю: “Слезы”. Каждую ночь до петухов сидит.

Два Георгия, спас знамя.

— Что вы чувствовали, когда спасали знамя?

— А ничего не чувствовал! Есть знамя — есть полк, нет знамени — нет полка!

Купил с аукциона дом в Климачах за 400 руб<лей>. Грабил банк в Одессе, — “полные карманы золота”! Служил в полку Наследника.

— Выходит он из вагона: худенький, хорошенький, и жалобным таким голоском: “А куда мне сейчас можно будет пойти?” — “Вас автомобиль ждет. Ваше высочество”. Многие солдаты плакали.

Говорю ему стихи: “Царю на Пасху”, “Кровных коней”...

— Это какой же человек сочинял? Не из простых, чай? А раскат-то какой! Аккурат как громом перекаатило. — ...Пойла — стойла... А здорово ж ему бы нагорело за стойла за эти! А я полагаю — не в памяти писано, а? Убили отца, убили мать, убили братьев, убили сестер, — вот он и записа-ал! С хорошей жизни так не запишешь! А нельзя ли было бы, барышня, мне этот стих про стойла на память списать?

— Попадётся.

— Я?! — Рожа из вдохновенной делается грабительской. Я — да попасться? Нерожён еще про́пад тот, через который я пропасть должен! Нерожён — непроложен! Да у меня, барышня, золотых часов четверо (Руки по карманам!) Хотите — сверяйтесь! И все по разному времени ходят: одни по московскому, другие по питерскому, третьи по рязанскому, а эти вот (ударяя кулаком в грудь) — поразинскому!

— А сказать вам стих про Стеньку Разина? Тот же человек писал. Слушайте.

Ветры спать ушли с золотой зарей,
Ночь подходит — каменною горой.
И с своей княжною...

Говорю, как утопающий, — нет, как рыба, собственным морем захлебнувшаяся (Говорящая рыба... Гм... Впрочем, в сказках бывает).

После тещ, свах, пшен, помойных ведер, наганов, Марксов — этот луч (голос), ударяющий в эту синь (глаза!). Ибо читаю ему прямо в глаза: как смотрят! В васильковую синь: сгинь.

Стенька Разин!

Стенька Разин, я не персияночка, во мне нет двуострого коварства: Персии и нелюбящей. Но я и не русская, Разин, я *до*-русская, *до*-татарская, — довременная Русь я — тебе навстречу! Соломенный Степан, слушай меня, степь: были кибитки и были кочевья, были костры и были звезды. Кибиточный шатер — хочешь? где сквозь дыру — самая большая звезда.

Но...

— Только вы уж, барышня, покрупней потрудитесь: я руку-то писаную не больно читаю.

С ребяческой радостью следит за возникновением букв (пишу, конечно, печатными).

— Дэ... мэ... А вот и ять, — аккурат церковка с куполом.

— А вы сам деревенский?

— Сло-бодский!

— А теперь я вам, барышня, за труды за ваши, сказ один расскажу — про город подводный. Я еще махоньким был, годочке по восьмом, — отец сказывал.

Будто есть где-то в нашей русской земле озеро, а на дне озера того — город схоронен: с церквами — с башнями, с базарами — с амбарами (Внезапная усмешка). А каланчи пожарной — не надо: кто затонул — тому не гореть! И затонул будто бы тот град по особому случаю. Нашли на нашу землю татары, стали дань собирать: чиста злата крестами, чиста сѣребра колоколами, честной крови-плоти дарами. Град за градом, что колос за колосом, клонятся: ключми позвякивают, татарам поддакивают. А один, вишь, князь — непоклонлив был: “Не выдам я своей святыни — пусть лучше кровь моя хлынет, не выдам я своей Помог — отрубите мне руки и ноги! Слышит — уж недалече рать: топота великие. Созывает он всех звонарей городских, велит им изо всей силы-мочи напоследок, в кол’кола взыграть: татарам на омерзение, Господу Богу на прославление. Ну — и постарались тут звонарики! Меня вот только, молодца, не было... Как вдарят! Как грянут! Аж вся грудь земная — дрогом пошла!

И построились, с того звону, реки чиста-серебра: чем пуще звонари работают, тем круче те реки бегут. А земля того серебра не принимает, не впитывает. Уж по граду ни пройти-ни проехать, одноэтажные домишки с головой под воду ушли, только Князев дворец один держится. А уж тому звону в ответ — другие звоны пошли: рати поганные подступают, кривыми саблями бряцают. Взобрался князь на самую дворцовую вышку — вода по грудь — стоит с непокрытой головой, звон по кудрям серебром текет. Смотрит: под воротами-то тьмы! Да как зыкнет тут не своим голосом:

— Эй вы, звонарики-сударики!

Только чего сказать-то он им хотел — никто не слышал! И городу того боле — никто не видал!

Ворвались татары в ворота — ровень-гладь. Одни струйки маленькие похлипывают...

Так и затонул тот город в собственном звоне.

Стенька Разин, я не Персияночка, но перстенок на память — серебряный — я Вам подарю.

Глядите: двуглавый орел, вздыбивший крылья, проще: царский гривенник в серебряном ободке. Придется ли по руке? Придется. У меня рука не дамская. Но ты, Стенька, не понимаешь рук: формы, ногтей, “породы”. Ты понимаешь ладонь (тепло) и пальцы (хватку). Рукопожатие ты поймешь.

Перстенок бери без думы: было десять — девять осталось! А что в ответ? Никогда ничего в ответ.

С безымянного моего — на мизинный твой.

Но не дам я его тебе, как даю: ты — озорь! Будет с тебя “памяти о царском времени”. Шатры и костры — при мне.

— А вот у меня еще с собой книжечка о Москве, возьмите тоже. Вы не смотрите, что маленькая, — в ней весь московский звон!

(“Москва”, изд<ание> Универсальной библиотеки. Летописцы, чужестранцы, писатели и поэты о Москве. Книжка, которую дарю уже четвертый раз. — Сокровищница!)

— Ну а как в Москве буду — навестить можно? Я даже имени-отчества вашего не спросил.

Я, мысленно: “Зачем?!” (Вслух): — Дайте книжечку, запишу [Больше никогда его не видела (примеч. М. Цветаевой).].

Потом на крыльце провожаю — пока глаз и пока души...

Завтра едем. Едем, если сядем. Грозят заградительными отрядами. Впрочем, Каплан (из уважения к теще) обещает дать знать по путям, что едут свои.

Утреннее посещение N (ночевал в вагоне).

— М<арина> И<вановна>, сматывайтесь — и айда! Что вы здесь с тещей натворили? Этот, в красной черкеске, в бешенстве! Полночи его работал. Наврал, что вы и с Лениным и с Троцким, что вы им всем очки втирали, что вы тайно командированы, черт знает чего наплел! Да иначе не вывез бы! Контрреволюция, орет, юдофобство, в одной люльке с убийцами Урицкого, орет, качалась! Это теща, говорю, качалась (тещу-то Колька вывезет!). Обе, обе,

орет, — одного поля ягодки! Ну потом, когда я и про Троцкого и про Ленина, немножечко осел. А Каплан мне — так уж безо всяких: — “Убирайтесь сегодня же, наши посадят. За завтрашний день не ручаюсь”. — Такие дела!

А еще знаете, другое удовольствие: ночью проснулся — разговор. Черт этот — еще с каким-то. Крестьяне поезд взорвать хотят, слезка идет... Три деревни точно... Ну и гнездо, Марина Ивановна! Да ведь это ж — Хитровка! Я волосы на себе рву, что вас здесь с ними одну оставил! Вы же ничего не понимаете: они все будут расстреляны!

Я: — Повешены. У меня даже в книжке записано.

Он: — И не повешены, а расстреляны. Советскими же. Тут ревизии ждут. Левит на Каплана донес, а на Левита — Каплан донес. И вот, кто кого. Такая пойдет разборка! Ведь здесь главный ссыпной пункт — понимаете?

— Ни звука. Но ехать, определенно, надо. А тещин сын?

— С нами едет, — мать будто проводить. Не вернется. Ну, М<арина> И<вановна>, за дело: вещи складывать!

...И, ради Бога, ни одного слова лишнего! Мы уж с Колькой тещу за сумасшедшую выдали. Задаром пропадем!

Сматываюсь. Две корзинки: одна кроткая, круглая, другая квадратная, злостная, с железными углами и железкой сверху. В первую — сало, пшено, кукол (янтарь, как надела, так не сняла), в квадратную — полпуда N и свои 10 ф<унтов>. В общем, около 2 п<удов>. Беру на вес — вытяну!

Хозяйка, поняв, что уезжаю, льнет; я, поняв, что уезжаю, наглею.

— Все товарищ, товарищ, но есть же у человека все-таки свое собственное имя. Вы, может быть, скажете мне, как вас зовут?

— Циперович, Мальвина Ивановна.

(Из всей троичности уцелел один Иван, но Иван не выдаст!)

— Представьте себе, никак не могла ожидать. Очень, очень приятно.

— Это моего гражданского мужа фамилия, он актер во всех московских театрах.

— Ах, и в опере?

— Да, еще бы: бас. Первый после Шаляпина (Подумав):

...Но он и тенором может.

— Ах, скажите! Так что, если мы с Иосей в Москву приедем...

— Ах, пожалуйста, — во все театры! В неограниченном количестве! Он и в Кремле поет.

— В Крем...?!

— Да, да, на всех кремлевских раутах. (“Интимно”): Потому что, знаете, люди везде люди. Хочется же поразвлечься после трудов. Все эти расправы и расстрелы...

Она: — Ах, разумеется! Кто же обвинит? Человек — не жертва, надо же и для себя... И скажите, много ваш супруг зарабатывает?

Я: — Деньгами — нет, товаром — да. В Кремле ведь склады. В Успенском соборе — шелка, в Архангельском (вдохновляясь): меха и бриллианты...

— А-ах! (Внезапно усумнившись): — Но зачем же вы, товарищ, и в таком виде, в эту некультурную провинцию? И своими ногами 10 коробочек спичек разносите?

Я, пушечным выстрелом в ухо: — Тайная командировка!

(Подскок. Глоток воздуха и, оправившись):

— Так значит вы, маленькая плутовка, так-таки кое-что, а? Маленький запасец, а? Я, снисходительно:

— Приезжайте в Москву, дело сделаем. Нельзя же здесь, на реквизиционном пункте, где все для других живут...

Она:

— О, вы абсолютно правы! — И рискованно. — А ваш адресок вы мне все-таки на память, а? Мы с Иосей непременно, и в возможно скором времени...

Я, покровительственно:

— Только торопитесь, этот товар не залеживается. У меня не то, чтобы груды, а все-таки...

Она, в горячке:

— И по сходной цене уступите?

— Я, царственно: — По своей.

(Крохотными цепкими руками хватая мои руки):

— Вы мне, может быть, запишете свой адресок?

Я, диктуя: — Москва, Лобное место, — это площадь такая, где царей казнят — Брутова улица, переулок Троцкого.

— Ах, уже и такой есть?

Я: — Новый, только что пробит. (Стыдливо): Только дом не очень хорош: № 13, и квартира — представьте — тоже 13! Некоторые даже опасаются.

Она: — Ах, мы с Иосей выше предрассудков. Скажите, и недалеко от центра?

— В самом Центре: три шага — и Совет.

— Ах, как приятно...

Приход тещи кладет конец нашим приятностям.

Последняя секунда. Прощаемся.

— Если б Иося только знал! Он будет в отчаянии! Он бы собственноручно проводил вас. Подумайте, такое знакомство!

— Встретимся, встретимся.

— И я бы сама, Мальвина Ивановна, с таким большим желанием сопровождала вас до станции, но у нас сегодня обедают приезжие, русские, — надо блины готовить на семь персон. Ах, вы не можете себе представить, как я устала от этих низких интересов.

Произношу слова благодарности, почтительно, с оттенком галантности, жму руку.

— Итак, помните, мой скромный дом, как и я сама и муж, — всегда к вашим услугам. Только непременно известите, чтобы на вокзале встретили.

Она: — О, Иося даст служебную телеграмму.

Теща на воле:

— М<арина> И<вановна>, что это вы с ней так слюбились? Неужели ж и адрес дали плюгавке этой?

— Как же! Чертова площадь. Бесов переулочек, ищи ветра в поле!

— (Смеюсь).

Дорога.

Смеется, да не очень. До станции три версты. Квадратная корзинка колотит по ногам, чувство, что руки — по колено. Помощь N отвергаю, — человека из-за мешков не видно! Тригорбый верблюд.

Иду — скриплю. Скрипит и корзинка — правая: гнусное, на каждом шагу, поскрипывание. Около 1 п<уда>. Как бы ручка не оторвалась! (О, идиотизм: за мукой — с корзинами! Мука, которая рифмуется только с одним: мешок! В этих корзинках — вся русская интеллигенция!) Нужно думать о чем-нибудь другом. Нужно понять, что все это — сон. Ведь во сне наоборот, значит... Да, но у сна есть свои сюрпризы: ручка может отвалиться... вместе с рукой. Или: в корзине вместо муки может оказаться... нет, похуже песка: полное собрание сочинений Стеклова! И не вправе негодовать: сон. (Не оттого ли я так мало негодую в Революции?)

— Да подождите же, говорят! Мешок прорвался! Корзины наземь. Бегу на зов. Посреди дороги, над мешком, как над покойником, сваха. Подымает красное, страшное, как освежаванное лицо.

— Ну булавка-то у вас хоть есть — аглицкая? Сколько я, на вашу тетюшку шимши, иголок изломала!

Достаю, даю: мужскую, огромную, надежную. Унимаем, как можем, коварно-струющийся мешок. Теща охает:

— И иголка была с ниткой, нарочно приготовила! Чуюло мое сердце! (Мешку): — Ах ты подлец, подлец неверный! А вот прощаться стала с мерзавкой-то вашей, так, значит, замечтавшись, и вынула. Да лучше бы я ей, мерзавке этой, этой самой иголкой — глаза выколола!

— Завтра, завтра, мамаша! — торопит Колька — нынче на поезд надо!
Взвалили, пошли.

...Детская книжка есть: “Во сне все возможно”, и у Кальдерона еще: “Жизнь есть сон”.
А у какого-то очаровательного англичанина, не Бердслея, но вроде, такое изречение: “Я ложусь спать исключительно для того, чтобы видеть сны”. Это он о снах на заказ, о тех снах, где подсказываешь. Ну, сон, снись! Снись, сон, так: телеграфные столбы — охрана, они сопутствуют. В корзине не мука, а золото (награбила у этих). Несу его тем. А под золотом, на самом дне, план расположения всех красных войск. Иду десятый день, уж скоро Дон. Телеграфные столбы сопутствуют. Телеграфные столбы ведут меня к —

— Ну, М<арина> И<вановна>, крепитесь! С полверсты осталось!

А руки у меня, действительно, до колен, особенно правая. Пот льется, щекоча виски. Все боковые волосы смочены. Не утираю: рука, железка корзины, повторный удар по ноге — одно. Расплетется — конец. Когда больно — нельзя заново.

Так или иначе — станция.

Станция.

Станция. Серо и волнисто. Земля — как небо на батальных картинах. Издалека пугаюсь, спутника за руку.

— Что?!

Н, с усмешкой: — Люди, Марина Ивановна, ждут посадки.

Подходим ближе: мешочные холмы и волны, в промежутках вздохи, платки, спины. Мужчин почти нет: быт Революции, как всякий, ложится на женщину: тогда — снопами, сейчас мешками (Быт, это мешок: дырявый. И все равно несешь).

Недоверчивые обороты голов в нашу сторону.

— Господа!

— Москву объели, деревню объедать пришли!

— Ишь натаскали добра крестьянского!

Я — Н: — Отойдем!

Он, смеясь: — Что вы, М<арина> И<вановна>, то ли будет!

Холодею, в сознании: правоты — их и неправоты — своей.

Платформа живая. Ступить — некуда. И все новые подходят: один как другой, одна как другая. Не люди с мешками, — мешки на людях. (Мысленно, с ненавистью: вот он, хлеб!) И

как это еще мужики отличают баб? Зипуны, кожухи... Морщины, овчины... Не мужики и не бабы: медведи: оно.

— Последние пришли, первые сядут.

— Господа и врай первые...

— Погляди, сядут, а мы останемся...

— Вторую неделю под небушком ночуем... У-у-у...

Посадка.

Поезд. — Одновременно, как из-под земли: двенадцать с винтовками. Наши! В последнюю секунду пришли посадить. Сердце падает: Разин!

— Что, товарищ, небось сробели? Ничего! Ся — адем! Безнадежно, я даже не двигаюсь. Не вагоны — завалы. А навстречу завалам вагонным — ревуще, вопиюще, взывающе и глаголюще — завалы платформенные.

— Ребенка задавили! Ре — бенка! Ре —

Лежачая волна — дыбом. Горизонталь — в стремительную и обезумевшую вертикаль. Лезут. Втаскивают. Вваливают. Вваливаются.

Я — через всех — Разину:

— Ну? Ну?

— Ус — пеем, барышня! Не волнуйтесь! Вот мы их сейчас!

— Ребята, осади, стрелять будем!

Ответный рев толпы, щелк в воздух, удар в спину, не знаю где, не знаю что, глаза из ям, взлет...

— А это что ж, а? Это что ж за птицы — за синицы? Штыка — ами? Крестьянского добра нагнали да по живому человеку ступа — ать?

— А спусти-ка их, ребята, и дело с концом! Пушай вольным воздухом продышатся!

Поняла, что села и едем. (Все ли? Озирнуться нельзя.) Постепенное осознание: стою, одна нога есть. А другая, “очевидно”, тоже есть, но где — не знаю. Потом найду.

А гроза голосов растет.

— Долго очень думать не приходится. Штык посадил, а мужик высадит! Что ж это, в самом деле, за насмешка, мы этой машины-то, небось, семнадцать ден, как Царства Небесного какого... А эти!..

Утешаюсь только одним: извлечь человека из этой гущи то же самое, что пробку из штофа без штопора: немисливо. Мне быть выброшенной — другим раздаться. А раздаться — разлететься вагону. Точное ощущение предела вместимости: дальше — некуда, и больше нельзя.

Стою, чуть покачиваемая тесным, совместным человеческим дыханием: взад и вперед, как волна. Грудью, боком, плечом, коленом сращенная, в лад дышу. И от этой предельной телесной сплоченности — полное ощущение потери тела. Я, это то, что движется. Тело, в столбняке — оно. Теплушка: вынужденный столбняк.

— Господа — а — а... О — о — о... У — у — у...

Но... нога: ведь нет же! Беспокойство (раздраженное) о ноге покрывает смысл угроз. Нога — раньше... Вот, когда найду ногу... И, о радость: находится! Что-то — где-то болит. Прислушиваюсь. Она, она, голубушка! Где-то далеко, глубоко... Боль оттачивается, уже непереносима, делаю отчаянное усилие...

Рев: — Это кто ж сапогами в морду лезет?!

Но дуб выкорчеван: рядом со мной, как дымовой столб (ни чулка, ни башмака не видно) — моя насущная праведная вторая нога.

И — внезапный всплеск в памяти: что-то темное ввысь! горит! Ах, рука на прощание, с моим перстнем! Станции Усмань Тамбовской губ<ернии> — последний привет!

Москва, сентябрь, 1918

Referências

АКХМАТОВА, Anna. **Stikhotvorienia i Poemi**. Moscou: Eksimo, 2006.

CARR, Edward Hallett. **A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FIGES, Orlando. **Revolución rusa, La. (1891-1924)**: La tragedia de un pueblo. Barcelona: Edhasa. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/40024124/LA_REVOLUCION_RUSA_LA_TRAGEDIA_DE_UN_PUEBLO_1891_1924_Orlando_Figes

KARLINSKY, Simon. **Marina Tsvetaeva. The women, her world, and her poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LINHART, Robert. **Lenin os camponeses Taylor**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

LOBOS, Omar. Caer bajo el alma. El ‘Pugachov’ de Serguéi Esenin. **Eslavia**: Buenos Aires, Argentina, n. 5, 2020. Disponível em: <https://eslavia.com.ar/caer-bajo-el-alma-el-pugachov-de-serguei-esenin/>

MOLLIE MCVEY, Elizabeth. **Beyond the Walls**: The Easter Processional on the Exterior Frescos of Moldavian Monastery Churches. Brigham Young University, Provo: 2009. Disponível em: <https://scholarsarchive.byu.edu/etd/1822/>

TRÓTSKI, Leon (Liév). **História da Revolução Russa, A**. Volume I. “A queda do Tsarismo”. Brasília: Edições do Senado Federal. Vol. 240-A, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/530450/A_historia_revolucao_russa-v.1.pdf

TSVETÁIEVA, Marina. **Vivendo sob o Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Neizdánoie Zapísnie kníjki v dvukh tomakh**. T. 1. (1913-1919). Moscou: Ellis lak, 2001.

_____. **Sobranie Sotchinieni v siemi tomakh**. T.1. Stikhotvoriénia. Moscou: Ellis lak, 1994.

_____. **Sobranie Sotchinieni v siemi tomakh**. T. 4. Vospominánia o sovremiennikah, dnevníkovaiia proza. Moscou: Ellis lak, 1994.

_____. **Sobranie Sotchinieni v siemi tomakh**. T. 5. Avtobiografícheskaia proza, stati, esse, perevodi. Moscou: Ellis lak, 1994.

- URLs para alguns textos de Tsvetáieva citados neste trabalho:

1. Os originais de *Passe livre*: http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_wolnyj_proezd

2. A tradução de *Meu Púchkin*, de Marina Tsvetáieva, por Paula Vaz de Almeida:

ALMEIDA, Paula Costa Vaz de. **Meu Púchkin, de Marina Tsvetáieva**: Tradução e Apresentação. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas: 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-19102009-144635/pt-br.php>

3. As traduções de Cecília Rosas sobre a correspondência poética de Marina Tsvetáieva com Boris Pasternak:

MENDES, Cecília Rosas. **O fio longo dos espaços**: a correspondência entre Marina Tsvetáieva e Boris Pasternak (1922-1926). 2018. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-09042019-124337/pt-br.php>

4. Nossa tradução dos *Diários do sótão*, de Marina Tsvetáieva, publicados na revista Pontes Outras:

Parte 1. Disponível em: <https://pontesoutras.wordpress.com/2019/10/29/diarios-do-sotao-de-marina-tsvetaieva-traduzidos-por-andre-nogueira-parte-1/>

Parte 2. Disponível em: <https://pontesoutras.wordpress.com/2019/11/05/diarios-do-sotao-de-marina-tsvetaieva-traduzidos-por-andre-nogueira-parte-2/>

5. O poema “Ao Tsar — na Páscoa”, referido por Tsvetáieva em *Passe livre*, na nossa tradução publicada na página *Ponto Virgulina*:

Disponível em: <https://traducaoliteraria.wordpress.com/2017/05/26/ao-tsar-a-pascoa-de-marina-tsvetaieva/>

6. Nosso artigo na revista *Cadernos de Literatura Em Tradução*, Edição especial “Os russos estão chegando”:

NOGUEIRA, André. Acampamento de Cisnes, de Marina Tsvetáieva. **Cadernos De Literatura Em Tradução**, n. 20, pp.128-170, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/146794>

7. O ciclo poético *Stenka Rázin*, de 1917:

Disponível em: https://www.tsvetayeva.com/cycle_poems/stenka_razin